

COMO EU ENTENDO AS VIDAS SUCESSIVAS 1

GABRIEL DELANNE

Valentim Neto – 2019
(Anotações)
neto.aga@gmail.com



AS VIDAS SUCESSIVAS MEMÓRIA

Apresentada ao
Congresso Espiritista Internacional de Londres
por

GABRIEL DELANNE

Delegado do “Comitê de Propaganda” nomeado pelo Congresso Espiritista de 1889, da Secção Francesa da “Federação Espiritista Universal”, da “Federação Espírita Lionesa” da “União Kardequiana Internacional”, e Diretor de la Revue Scientifique et Morale du Spiritisme.

- 1898 -

ÍNDICE

- I- Duas palavras 4**
- II - Memórias sobre as vidas sucessivas 7**
- III - A alma humana 13**
- IV – Desdobramento 17**
- V - Existência da alma e do perispírito depois da morte 24**
- VI - O ser humano 32**
- VII - A evolução anímica 43**
- VIII - Passagem do princípio inteligente pela escala animal 48**
- IX - A reencarnação humana 57**
- X - Conclusão 67**

I - DUAS PALAVRAS

Avizinham-se os tempos em que como disse Galileu, “não há nada oculto que não deva ser conhecido”, nós temos disso os primeiros sinais, ou melhor, já passaram os primeiros sinais, e vamos testemunhar o majestoso desfile das comprovações axiomáticas.

Olhando para trás, vemos brilhar na aurora dos tempos uma quase imperceptível estrela que guiava os humanos para o conhecimento do seu ser e do seu destino, e que os fazia pressentir uma vida eterna, um eterno desenvolvimento para o seu ego, que apesar de ser pobre em desenvolvimento, o reconheciam capaz de maiores empreendimentos.

Esse presságio, essa esperança fortificante traduziu-se rapidamente no mental, na indução filosófica do mais além, que segundo os tempos e os povos, foi pouco a pouco depositando-se, ou então, ficou estacionada nas mesmas caóticas trevas dos seus primeiros indutores.

Nós não temos motivo para nos ocuparmos com o inferno e o paraíso de todas as religiões, nem temos tampouco que nos sujeitar as metapsicoses apresentadas e sustentadas por diferentes filósofos. Basta-nos, em consonância com o autor das páginas que se seguem, deixar claro que a história nos revela que a ideia da imortalidade e das vidas sucessivas foi aceite em todos os tempos e teve sempre muitos, decididos e esclarecidos defensores.

Isto já é algo, já é muito; mas não é o suficiente para sustentar a partir dela nenhum princípio com caráter de axioma. É peculiar os gênios anteciparem-se ao progresso do seu século, e predizer, por uma espécie de visão profética, o que só encaixa na realidade, depois de transcorridas muitas gerações. Disso temos inúmeros testemunhos na cronologia de todas as invenções e descobertas, e isto obriga a razão a render homenagem ao talento.

Mas é muito fácil confundir as centelhas do engenho com os delírios da imaginação, a visão profética a que há pouco nos referíamos com o entusiasmo prematuro desprovido de qualquer fundamento. Assim, se explica a preponderância que adquiriu a imaginação sobre a razão dos nossos antepassados de alguns séculos atrás, e assim se explica que o positivismo do nosso século, nu, descarnado, quase anatômico, defendendo a todo o custo a razão, não admita nada, absolutamente nada, que não tenha uma comprovação tão real, tão positiva como o $2 + 2$ da matemática. Os grandes abusos impõem absolutas continências.

Ficaram, pois, no início do nosso século e pelas legítimas exigências do positivismo, abandonadas quase por completo as ideias da existência da alma, a sua imortalidade e o seu desenvolvimento progressivo para o infinito, devido às sucessivas vidas planetárias, e para recuperar o perdido e melhor ainda para sustentá-lo em bases sólidas foi necessário admitir a luta, no mesmo terreno em que o positivismo a colocava e comparecer no palanque armados com as mesmas armas que esgrimia o adversário. Isto foi o que o Espiritismo fez desde o primeiro momento; mas fê-lo de uma forma um tanto deficiente, um tanto filosófica havia que prestar homenagem de credibilidade a vozes e fatos que se supunham, provenientes de mundo espiritual, sem que nada testemunhasse de uma forma conclusiva e positiva, que tais vozes e tais fatos eram, com efeito, emanados de um ser que havia atravessado os umbrais do sepulcro.

Não era possível pensar em argumentar com toda a força da lógica relativamente à impossibilidade em que se encontrava o médium, o instrumento para falsificar ou provocar à sua volta os fatos paranormais que se debatiam; não era possível também apelar ao bom senso para que coordenando dados, fazendo deduções precisas e comprovando testemunhos, se concluir definitivamente afirmando a sobrevivência da alma: era condição precisa, indispensável que a alma se apresentasse visível; tangível, com todos os caracteres da personalidade, e que impressionasse, não à retina e ao tacto de dez, vinte ou mais pessoas, que poderiam ser vítimas de alucinação e de fascinação, mas à chapa fotográfica, à parafina, ao timbre elétrico e à balança de precisão, porque tais instrumentos não podiam alucinar-se nem fascinar-se.

E a alma apresentou-se; e a alma materializou-se; e a alma deixou a sua marca na argila, na parafina e no clichê da câmera escura; e a alma fez vibrar timbres elétricos, acendeu e apagou luzes, transportou e formou diversos objetos, acusou o seu peso na balança de precisão, fez passar a matéria através da matéria...; e a alma, por fim, disse quem era, donde vinha, de que se ocupava, trata e o que esperava do futuro.

Como? É possível que assim, tão de pronto, tenham ficado reduzidos a pó todos os conhecimentos positivos? É possível que de nada tenham servido os conhecimentos que nos aportaram os Haekel, os Comte, os Moleschot: os Broussais, os Woot, os Luys, todos os materialistas, todos os cientistas positivistas? Não, não é isso. O Espiritismo, que é a quem cabe a grande honra de ter ganho à empenhada batalha entre espiritualistas e materialistas, não crê ter reduzido a pó os conhecimentos científicos dos seus adversários; não crê sequer ter poder de modificar um só desses conhecimentos; crê, sim, tê-los interpretado melhor e tê-los comprovado mais minuciosa, mais taxativamente.

Tanto é assim, que se apoia nessas mesmas razões, que usa essas mesmas armas para vencer e aniquilar os seus adversários, não nos fatos, que estes são verdadeiros e indiscutíveis, mas nas consequências extra-vidadas que foram deduzidas desses fatos. Isto é o que com a apresentação e objetivação da alma considera ter conseguido.

E que as suas considerações são exatas, certas, irrefutáveis, dão testemunho sólido às páginas que apresentamos. Delanne, com a perícia que lhe é própria, deixou de lado o método sintético para se apoiar exclusivamente no analítico, e apresentando fatos, fazendo positivismo breve, salienta aquilo a que se propõe, a saber: a demonstração experimental da existência e continuação do Espírito, e a sua evolução progressiva através de inúmeras reencarnações. Isto é o que fazia falta ao animismo e isto é o que já o conseguiu. No futuro poderá aperfeiçoar a sua personalidade própria onde queira e como queira: onde queira, porque lá onde haja inteligências, lá haverá uma inflexível lógica para todo o raciocínio, e esta lógica pode ter a certeza de tê-la; e como queira, porque a filosofia tal como a história, a religião tal como fatos positivos, contribuirão sempre em conjunto para dar testemunho da sua existência.

Felicitemos a quem tão acertadamente soube levar a cabo este trabalho, e procuremos assegurar que a sua divulgação seja o mais lacta possível.

Quintin Lopez

Anotações:

O irmão Quintin faz uma apresentação correta do trabalho a ser descrito. Mas nós devemos observar cuidadosamente o emprego das palavras 'alma' e 'Espírito'. Entendamos a 'alma' como o 'Espírito com o perispírito' quando na carne e, 'Espírito' como o 'Espírito com o perispírito' quando fora da carne. Quando se fala da 'alma' ou do 'Espírito' não se está referindo à entidade 'pura', pois ainda hoje, ninguém deste orbe 'viu' a 'alma' ou o 'Espírito' sem o envoltório perispiritual!

II - MEMÓRIAS SOBRE AS VIDAS SUCESSIVAS

Senhores:

Permitam-me que em nome do Comitê de Propaganda instituído pelo Congresso de 1889, em nome da Secção Francesa da Federação Espírita Universal, em nome da Federação Espírita Lionesa, e em nome da União Kardeciana Italiana que me nomearam seu delegado, permiti-me, digo, que os saúdo em nome dessas sociedades e vos manifeste a sua inalterável adesão à grande causa que reúne aqui os representantes do mundo inteiro.

Após os Congressos de Bruxelas, de Barcelona e de Paris, o de Londres, confirma a vitalidade sempre crescente do Espiritismo. Neste quinquagésimo aniversário, é muito gratificante constatar que a pequena planta que brotou em Hydesville, se converteu numa árvore gigantesca, cuja abundante folhagem se estende por todas as nações.

Não há exemplo na história duma ciência religiosa cujo crescimento tenha sido tão rápido e a difusão tão generalizada, como o foi o desta nobre doutrina. Semelhante êxito, sem precedentes, é devido à força da convicção que o fato transporta em si mesmo.

Este século, no qual se cumpriram progressos incriveis em todos os ramos da ciência destacará, no entanto, nas eras seguintes, uma grande descoberta: a demonstração experimental da existência da alma e da sua imortalidade.

O gênio humano tem produzido maravilhas.

As condições físicas de existência melhoraram para além das expectativas mais otimistas, e apesar desta mudança, uma profunda inquietação agita os povos modernos. É porque a nossa época se encontra profundamente transtornada pelo progressivo desaparecimento das antigas crenças, que, com o seu rançoso aparato de milagres, dogmas e mistérios vacilam sob os redobrados golpes da ciência.

As descobertas científicas realizadas a partir de Galileu, modificaram singularmente as nossas concepções acerca do universo, ampliando os horizontes.

O nosso pequeno globo já não é o centro do mundo, mas um modesto asteroide na inumerável multitude de Terras do céu; e sentimos palpitar no infinito a vida universal da qual queríamos possuir o monopólio.

A estes conhecimentos positivos corresponde um novo ideal que não pode satisfazer uma velha religião de dezenove séculos. Deste divórcio entre a ciência e a fé resulta a incredulidade. Não é preciso reagir contra

as enganosas quimeras do materialismo; demonstrar que nos ensinamentos religiosos nem tudo era falso; que o humano, através de uma profunda intuição, conheceu sempre a sua verdadeira natureza imortal, e ouviu repercutir na sua consciência o eco mais ou menos debilitado dos eternos princípios de justiça, de caridade e de amor, que velados algumas vezes, desfigurados frequentemente, foram, no entanto, os seus guias tutelares. A providência enviou missionários a todas as nações para pregar a moral eterna. *Confúcio, Buda, Zoroastro, Jesus*, são as grandes vozes que ensinaram uma doutrina semelhante, ainda que sob aspectos diversos.

Rejuvenesçamos os velhos símbolos; mostremos que foram adulterados pela ferrugem das idades, desfigurados pelos interesses terrestres; mas que, no fundo, são a mesma verdade, o único caminho que conduz à felicidade.

É em vão que se tenta fazer tábua razão do passado: não pode edificar-se com uma base sólida que não esteja apoiado na imortalidade.

O conhecimento exato da lei moral, tendo por sanção a vida futura, é o único capaz de refrear eficazmente os vícios e paixões. Existe uma higiene da alma tão indispensável ao seu bem-estar, como o são as prescrições da ciência para o corpo físico. Logo que alguém se separa das suas regras, experimenta o mal-estar e o sofrimento.

O Materialismo Contemporâneo tentou promulgar uma moral baseada apenas nas relações dos nomes entre si, ou seja, sobre a utilidade; mas semelhante tentativa é quimérica.

A solidariedade é uma palavra vazia de sentido para o egoísta. Como fazer compreender ao que é rico e feliz, que deverá prestar auxílio ao pobre, doente e desvalido? Que lhe importam os seus sofrimentos, que ele não sente? Privar-se-á de algo que lhe pertence, para proporcioná-lo a um desconhecido?

Muito fará se se limita a não fazer mal a ninguém. A sorte favoreceu-o, e aproveita-se disso, pois a vida é curta e convém gozar o mais possível antes da dissolução final.

Este raciocínio, consciente ou não, é o de todo o materialista convencido. Na maioria da massa trabalhadora traduz-se por um ódio sempre crescente contra a injustiça da sorte, contra os privilégios; e nas almas ternas e débeis, por um desgosto da vida, ao qual se deve o espantoso aumento de suicidas que se observa na época atual.

A nossa doutrina fornece o remédio para semelhantes males; é o bálsamo consolador que cicatriza todas as feridas, ao mesmo tempo em que explica o enigma da vida. Por isso mesmo, precisa de ser muito mais conhecida para que faça florescer a esperança nos corações dilacerados, já

que é uma salvaguarda contra os terríveis cataclismos das guerras interiores. Os nossos brilhantes sucessos não devem fazer-nos esquecer que ainda somos uma ínfima minoria, e que existem milhões de almas sujeitas a todos os sofrimentos da dúvida.

Façamos uma propaganda ativa para levar ao conhecimento do público as convincentes provas que demonstrem a futilidade das teorias neantistas.

Hoje possuímos armas suficientes para combater com a segurança de obter a vitória final. O passado responde pelo futuro.

O Espiritismo desenvolveu-se sob os fogos cruzados das burlas, dos sarcasmos, das injúrias e da calúnia.

As manifestações espirituais foram, no seu início, consideradas como superstições, e as revelações dos Espíritos tratadas como divagações.

Semelhantes apreciações abatem todas as reformas no seu berço: é a incubação dolorosa, mas necessária, que dá o batismo aos grandes movimentos filosóficos. Os primeiros estádios já passaram, e a situação modificou-se profundamente desde há vinte e cinco anos atrás. Em todas as partes do mundo apareceram investigadores científicos que realizaram observações longas, minuciosas e precisas.

Muitos iniciantes que sentiam repulsa pelo Espiritismo, acabaram por converter-se, e atualmente contamos às centenas os testemunhos que emanam das mais altas autoridades do mundo sábio.

Sinto verdadeira satisfação por ser um intérprete dos espiritistas franceses e italianos e poder afirmar a admiração sincera que professam pelos ilustres humanos que tiveram a coragem de proclamar a verdade.

Os nomes de *Alfred Russel Wallace* e *William Crookes* estão escritos no panteão da ciência contemporânea por terem sabido conquistar os primeiros lugares no areópago dos sábios; mas a sua glória será ainda mais realçada pela dignidade do seu caráter e a nobreza da sua atitude, que os converteu nos valentes campeões da nova ciência. O brilho destes grandes nomes não deve fazer-nos esquecer que, desde o início, o Novo Mundo tinha os seus apóstolos convencidos.

Não posso fazer uma enumeração, que seria fatalmente incompleta e, por conseguinte, injusta para os esquecidos; mas não é possível deixar de mencionar o nome de *Robert Hare Mapes*, do juiz *Edmons* e de *Robert Dale Owen*, cujos trabalhos conquistaram tantos adeptos das nossas ideias.

Também seria ingratitude não mencionar entre os trabalhadores da primeira hora os *Barkas*, *Morgail*, *Varley* e *Stainton Moses*, cujas investigações muito nos têm ajudado, tanto nos nossos estudos, como nas polémicas que sustentamos contra os nossos adversários.

A Europa não foi alheia a este grande movimento.

Na Alemanha, o astrônomo Zoellner e os professores catedráticos Weber, Schréibuer, Fechuer e Ubrici têm afirmado categoricamente os fatos. Aksakof na Rússia, combate com valentia pela defesa do Espiritismo. Itália tem tido desde os primeiros tempos, adeptos fervorosos, e conta atualmente entre os militantes, com o capitão Volpi, o Professor catedrático Falcomer, e entre o número dos convencidos da realidade das manifestações, os célebres Lombroso e Schiapparelli. Em Espanha os Espíritas são inúmeros, e o Professor Otero, antes materialista empedernido, segundo a sua expressão, teve de depor as armas ante as evidências.

Nos países onde se fala francês, a escola espiritista conta com escritores como Leon Denis, Chaigneau, Metzger, Gardy, Bouvery, Grendel, Doutor Moutin, Doutor Chazerain, Doutor Dupouy e Doutor Dusart.

Camille Flammarion, o Doutor Gibier, o Dr. Charles Richet e o Coronel de Rochas, ainda que na área imediata à nossa, batalham contra a ignorância e o preconceito. Mas antes dos distintos humanos que acabamos de citar, brilhou em França um humano ilustre, cuja obra, por ele realizada, teve preponderante importância no país de raça Latina; este humano é Allan Kardec.

Pensador profundo, sábio e erudito, Allan Kardec estudou, a partir do ano de 1855, os fenômenos do Espiritismo. O seu espírito sagaz não tardou muito para descobrir o lado positivo das manifestações que permitiam entrar em contacto com as almas que nos precederam na vida da sepultura; compreendeu o imenso alcance deste fato, e após dois anos de estudos, publicou - *O Livro dos Espíritos* -, que teve um êxito considerável. A este livro sucederam-lhe - *O Livro dos Médiuns* -, - *O Céu e o Inferno* -, - *O Evangelho segundo o Espiritismo* - e - *A Gênese* -, em cujos volumes se expõem com clareza e lógica a Doutrina que foi adotada pela maioria dos adeptos. Semelhante ensinamento não é inteiramente obra sua, já que declara que o seu papel se limitou a reunir e coordenar os dados que lhe proporcionaram diversos Centros de estudo. No entanto, compreende-se a árdua tarefa para separar o joio do bom grão.

Vocês, Senhores, sabeis muito bem quão variáveis são na sua qualidade as informações que recebemos pelo canal dos médiuns, e quão necessário é fazê-las passar pelo crivo da razão, distinguindo as ideias sistemáticas individuais e isoladas, das que recebem a aprovação geral dos Espíritos, as utopias das ideias práticas, suprimindo aquelas que são notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica sã e utilizando os ensinamentos ministrados ainda pelos Espíritos inferiores, tudo

com o objetivo de conhecer o mundo invisível e formar com os referidos conhecimentos um todo homogêneo.

Esta grande tarefa realizou-a magistralmente *Allan Kardec*, e o seu nome, venerado já em vários pontos do globo, sê-lo-á muito mais no futuro, quando se tiver compreendido todo o alcance filosófico do seu ensinamento. Para provar o alcance da sua previsão, só citarei o que disse a propósito da marcha evolutiva do Espiritismo, e isso lhes demonstrará que se falava muito longe de formular um credo infalível, reconhecendo como o primeiro que, na sua época se estabeleceram unicamente as premissas de uma ciência infinitamente vasta, já que tem por objeto fazer-nos conhecer as nossas origens e os nossos fins.

Vejam os de que maneira se expressou ao tratar do futuro do Espiritismo: “O Espiritismo não estabelece como princípio absoluto mais do que aquilo que está demonstrado com evidência, o que resulta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da economia social, aos que presta o apoio das suas próprias descobertas. Assimilar-se-á todas as doutrinas progressistas não importa donde provenham, tão depressa saíam do domínio da utopia, tendo chegado ao estado de verdades práticas, já que não o fazendo assim, se suicidaria. Deixando de ser o que é, negaria a sua origem e a sua finalidade providencial. *Caminhando o Espiritismo com o progresso, jamais descarrilará, porque se novas descobertas lhe mostram que está errado em relação a um ponto, modificar-se-á esse ponto e se uma nova descoberta aparece, aceitá-la-á*”.

Referindo-me, pois, a este método e a estes sábios conselhos, vou estudar uma teoria que pode apoiar-se solidamente sobre fatos bem estabelecidos pela experimentação, e que encontra na hipótese da evolução um apoio firme. Refiro-me às vidas sucessivas.

Não ignoro que semelhante questão tem sido muito controversa e que por ela se têm dividido os Espíritas em dois campos; embora observando com atenção as coisas, as divergências de escola não sejam fundamentais.

Os Espíritas latinos admitem que o Espírito pode viver no espaço, ou reencarnar-se noutros mundos, logo que a sua natureza se tenha depurado o suficiente para merecer esse progresso; mas os Espíritas anglo-saxões creem numa progressão imediata, não admitindo o regresso a Terra.

Como o Espiritismo não tem culto, nem dogma, nem ortodoxia, permite sempre a livre discussão, que constitui a sua força soberana, e sendo a reencarnação crença adotada por alguns milhões de adeptos, pareceu urgente aos Espíritas que eu represento, chamar a atenção do Congresso para este ponto tão importante.

Anotações:

Observemos certas palavras, como exemplo; dogma. O autor afirma que o Espiritismo não tem dogma, mas pelo significado dessa palavra: *[Do lat. dogma, atis < gr. dógma, atos, 'decisão'.] Substantivo masculino. 1. Ponto fundamental e indiscutível duma doutrina religiosa, e, p. ext., de qualquer doutrina ou sistema.* Portanto, ao afirmar de modo 'fundamental e indiscutível' a existência do Espírito, o Espiritismo tem 'dogma'! O Espiritismo não é uma 'ciência', mesmo a filosófica, concluída, fechada. Ainda temos um bom caminho a seguir... As considerações do nível espiritual em raças 'atrasadas' são discutíveis, pois não conhecemos os Espíritos livres da capa física e, também, lembremos da encarnação do Sublime Enviado entre uma raça de Espíritos, comparando com Ele, muito atrasados...

III - A ALMA HUMANA

Por outro lado, é útil determinar a ideia sob a qual a alma deve ser considerada, pois, consoante se faça dela uma entidade ideal fora do tempo e do espaço, ou um ser dependente, em certa medida, destas condições, as consequências práticas que daí retiraremos serão totalmente diferentes.

Senhores, não julgueis que a minha intenção seja entregar-me às discussões metafísicas, porque isso seria fazê-los perder um tempo precioso; desejo apenas cingir-me à observação dos fatos e às deduções imediatas delas decorrentes.

O Espiritismo, sob o ponto de vista do fenômeno, é a psicologia experimental, na sua totalidade, já que abrange o estudo da alma durante a vida e depois da morte.

Todos os fenômenos de magnetismo, hipnotismo e psicofisiologia, vêm incluídos, numa explicação geral, muito simples e racional, se se quer ter em conta os elementos novos que nos fornece a experimentação Espírita. Um método crítico severo é indispensável para deduzir o ensino que se desprende dos fatos, e ainda que levemos em conta as novas descobertas da ciência, devemos defender-nos contra as opiniões pessoais dos experimentadores, que são, a maior parte das vezes, preconcebidas.

As investigações experimentais dos psicólogos contemporâneos não conseguiram desvirtuar a unidade da alma proclamada pela antiga filosofia.

Todas essas palavras novas de desagregação mental, alteração da personalidade, personagem sonambúlico inconsciente ou subconsciente etc., aplicam-se a fenômenos que teriam por objeto demonstrar que a unidade do eu é uma ilusão; que a alma não tem existência individual; que não é mais do que um aglomerado de fenômenos unidos pela memória, ainda que distintos entre si, e de certo modo autônomos, de forma que podem formar síntese; que são consciências secundárias independentes da consciência normal e seus desconhecidos.

Monsieur Ribot, disse: “A unidade do eu, no sentido psicológico da palavra, é a coesão durante um determinado tempo de um certo número de estados claros de consciência, e de uma multitude de estados fisiológicos, que sem estar acompanhados de consciência como seus congêneres, agem como eles. Unidade significa coordenação”. (*Les Maladies de la personnalité*).

Tais afirmações, que fazem da alma um agregado variável de consciências diversas, sem unidade substancial, ficam destruídas pelo fato Espírita.

O ser pensante, não é uma resultante do organismo, já que persiste depois da desagregação do corpo, provando que as suas faculdades se conservaram intactas, razão pela qual se demonstra que eram independentes do envoltório carnal. Mas de que modo se nos pode revelar, carecendo de instrumentos para atuar sobre o mundo físico? Esta questão é muito séria, tendo sido em grande parte a causa determinante da incredulidade geral com que foi julgado o Espiritismo desde os seus primeiros passos. No entanto, os mesmos Espíritos encarregaram-se de responder à pergunta que acabamos de formular. Afirmam ter um corpo etéreo, tão real, à sua maneira, como o é para nós o corpo físico.

Este envoltório da alma não é uma ideia nova, já que era conhecida na Antiguidade mais remota. É o *Linga Sahrira* dos hindus, o corpo espiritual de *Paulo* o corpo aromal de *Fourrier*, o corpo astral dos ocultistas e o perispírito dos Espíritas franceses.

Semelhante corpo existe realmente? Assim parece perfeitamente estabelecido pelo testemunho dos Espíritos, pela afirmação dos sonâmbulos e dos médiuns videntes, e pelos fenômenos da fotografia Espírita e dos moldes de formas materializadas.

Mas a alguns eminentes defensores de nossas crenças, tais como os Srs. *Wallace* e *Aksakof*, pareceu-lhes que as fotografias e as materializações não constituíam provas absolutas de que os Espíritos possuem no espaço as formas com as quais se nos apresentam. Semelhante pensamento vem expresso várias vezes no livro intitulado *Animisme et Spiritisme* que o sábio russo publicou, consagrando-o a refutar a teoria do *Dr. Hartmann*. Aqui está um dos seus parágrafos (página 57), em que ele expõe claramente essa opinião: “*M. Lewes* aconselhou a comissão da *Sociedade Dialética* encarregue de ocupar-se da questão Espírita, que procure distinguir cuidadosamente os fatos das deduções.

Isto é particularmente necessário para as fotografias Espíritas, pois, ainda que as formas humanas que aparecem nas placas não sejam obra da mão humana, podem ser de origem Espírita sem serem por isso as imagens dos Espíritos.

“Muitas coisas permitem a suposição de que, em certos casos, semelhantes imagens resultam da ação de seres inteligentes, invisíveis e distintos. Noutros casos, estes seres revestem uma espécie de materialidade perceptível pelos nossos sentidos, mas por isso não pode deduzir-se que a imagem criada seja a verdadeira imagem do ser espiritual. E, finalmente, as imagens impressas podem ser a reprodução da antiga forma mortal

com os atributos terrestres, aos quais o Espírito recorreu para estabelecer a sua identidade”.

Esta opinião, ainda que oposta aos resultados da observação, é puramente filosófica. Assenta na suposição de que existe em cada um de nós um personagem sonambúlico dotado de uma atividade que lhe é própria, podendo agir sem que o saiba a nossa consciência normal, sendo caracterizado por uma memória completa, pela percepção direta do pensamento de outro, e pela clarividência.

Este ser, esta mônada seria a única que sobreviveria, não conservando a forma humana, a não ser para manifestar-se no mundo do fenômeno.

Mais à frente tentarei demonstrar que os fenômenos atribuídos a esta segunda individualidade, pertencem à alma, e que se produzem desde o momento em que se relaxam os laços que unem o princípio espiritual ao corpo. Se tais fenômenos parecem estranhos à consciência ordinária, deve-se ao fato de estarem fora da memória normal, mas de modo nenhum necessitam da criação de um *eu superior*, hóspede desconhecido e mais poderoso do que nós.

O Espiritismo reivindicou desde o início a demonstração da sobrevivência do princípio individual depois da morte.

Não é possível conceber uma alma sem um corpo que a individualize, porque se assim fosse, ficaria na impossibilidade de pensar, no sentido que damos a esta palavra, e também não pode escapar às condições de espaço e tempo, sem que nesse instante deixaria de ser o que é.

Se isto fosse possível, poderíamos dizer que se tratava de algo absolutamente incompreensível para a nossa razão. O estudo mostra-nos de um modo incontestável, que existem leis às quais se encontram submetidos todos os seres pensantes. É em virtude das ditas leis, que não podemos fazer-nos presentes em diversos lugares ao mesmo tempo, ou franquear de um a outro espaço num dado tempo. As sensações e os pensamentos estão limitados em número durante esse mesmo tempo.

Daqui resulta que, se podemos facilmente imaginar que uma inteligência superior à nossa e sem embargo finita, esteja submetida a condições muito diferentes após a morte, não podemos, no entanto, conceber uma inteligência absolutamente livre de qualquer restrição, ou seja, de um corpo.

Esta é também a opinião de *M. Hartmann*.

“Se se pudesse demonstrar - diz - que o Espírito individual persiste depois da morte, a minha conclusão seria que, apesar da desagregação do corpo, *a substância do organismo persistia sob uma forma impalpável*, uma vez que com esta condição só posso imaginar a persistência do Es-

pírito individual. Isto é o que opinam os Espíritas kardequianos, que veem no perispírito essa forma impalpável”.

Não esqueço que a questão por resolver, é a das vidas sucessivas, pois a existência de um envoltório fluídico indestrutível, conservadora da individualidade é a própria base desta teoria. Mas como os fatos devem ser os nossos guias mais preciosos, abandonemos os argumentos filosóficos para descobrir a verdade através de outro método.

Possuímos atualmente documentos positivos e em número suficiente para resolver esta grave questão?

A minha convicção é de que os trabalhos realizados desde há 30 anos por investigadores científicos, bem conceituados, permitem ultrapassar este problema, desde o domínio da filosofia, ao da ciência e substituir os conhecimentos metafísicos pelos fatos certos.

Para apoiar a minha forma de pensar, creio ser necessário estabelecer:

1º Que a alma humana se acha revestida, durante a sua passagem pela Terra, de um envoltório invisível chamado perispírito, peri em redor e spíritus, de Espírito.

2º Que depois da morte, este envoltório não se destrói.

3º Que o estudo das propriedades deste corpo espiritual, obriga a concluir que a alma preexiste ao nascimento.

4º Que só na Terra foi possível produzir-se esta evolução.

Anotações:

O perispírito pode ser entendido como ‘destrutível’; - “O Espírito pode mudar de perispírito, assim como mudais de roupa. L. E.” -, depende apenas do desejo e da necessidade do Espírito. A palavra ‘alma humana’ não nos deve levar a imaginar uma ‘alma animal’ ou ‘alma vegetal’ etc. O Espírito durante sua ‘permanência’ no orbe terreno, encarnado ou não, sempre está com seu perispírito! Esgotada a vitalidade do corpo físico, o Espírito se retira com o perispírito. A existência do perispírito nada tem com a preexistência ou não do Espírito! As propriedades do perispírito são as adequadas ao orbe terreno ou ao orbe em que o Espírito encarna. Ainda temos muito a estudar sobre as propriedades do perispírito e sua relação com o fluido cósmico universal e seus derivados... O autor, para mim, não definiu a qual evolução se refere no quarto quesito.

IV - DESDOBRAMENTO DO SER HUMANO

A ciência oficial dos nossos dias nega absolutamente a existência individual da alma. Todos os argumentos espiritualistas foram impotentes para demonstrar que o princípio pensante tem existência real. Somente descurando voluntariamente os fatos irrecusáveis é que os materialistas podem chegar à negação da individualidade da alma. Se esta é uma função do cérebro (como dizem), de forma alguma pode ser separada do organismo, do mesmo modo que não se pode ouvir uma voz sem aparelho vocal destinado a produzi-la. Se se provasse que a alma pode sair do corpo, então ficaria estabelecida a sua existência independente. Pois bem: o fenômeno de desdobramento é não só possível, mas relativamente frequente.

As aparições são devidas a uma lei biológica, e têm sido observadas em todos os tempos. A antiguidade e a Idade Média oferecem muitos exemplos.

Tácito (1) relata que Vespasiano testemunhou um fato deste gênero em Alexandria. A igreja católica cita como milagres os casos de bicorporiedade de *Ambrósio*, *Antônio de Pádua*, *Francisco Xavier*, *Alfonso de Libório*, *Maria de Ageda* etc. Os magnetizadores do início do século conheciam também esta possibilidade, segundo se atesta na correspondência de *Billot e Deleuze* (2) e no curso de magnetismo do *Barão du Potet* (3); *Allan Kardec* (4) dedica um capítulo do *Livro dos Médiuns* a estas manifestações, cujos numerosos exemplos se encontram também em *Kerner* (5), *Perty* (6) e *D'Assier* (7).

(1) - *Tácite. Histoires, livre IV chapitres 81 y 82. Traduction de Burnouf.*

(2) - *Billot. Correspondance avec Deleuze sur le magnetisme animal. - 2 vol. in 8°, t. I, pág. 137.*

(3) - *Du Potet. Le traité complet de magnetisme animal.- 10 lecon. Pág. 479.*

(4) - *Allan Kardec. Livre des Médiuns. Pág. 142*

(5) - *Kerner, La voyante de Prévorst.*

(6) - *Perty, Phénomènes mystiques. Tome II.*

(7) - *D'Assier. L' Humanité posthume. Chapitre 2.*

Mas, após a publicação dos notáveis trabalhos da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres é que se tornaram absolutamente incontesteáveis as ditas manifestações.

Já sabemos em que consistem os ditos fenômenos.

Uma pessoa, A, aparece a outra, B, da qual se encontra afastada. A e B estão geralmente unidas pelos laços do parentesco ou da afeição; diz-se então que B experimentou uma alucinação telepática vendo o fantasma de A. Esta aparição não é fortuita, pois coincide frequentemente com um acontecimento importante, ocorrido na vida de A, e neste caso, diz-se que a alucinação é verídica.

Existe uma relação causal entre a alucinação de B e o acontecimento de A.

Já sabeis, meus senhores, assim como eu, o metuculoso cuidado com que os sábios procederam na investigação rigorosa dos fatos, por conseguinte, podemos depositar toda a confiança nos relatos que nos fazem e que vêm confirmados por minuciosos estudos. Vamos agora discutir o valor da explicação que dos ditos fenômenos nos deram.

O termo alucinação escolhido pelos autores dos *Phantasms*, indica claramente que, em sua opinião nos encontramos em presença de fenômenos puramente psíquicos. O fantasma não é realmente perceptível por meio da vista ordinária, e só tem existência no cérebro do sujeito.

Esta teoria, que se apoia nos fatos de transmissão do pensamento e de alucinações provocadas pela sugestão sobre sujeitos hipnotizados, não é suficiente vasta para cobrir todos os casos. Na obra publicada por aquela Sociedade e nas atas, distinguem-se certa categoria de observações que estabelecem a objetividade da aparição, isto é, a presença do fantasma no espaço.

Eis aqui, segundo *Russel Wallace*, os critérios que permitem fazer esta distinção. Uma aparição é objetiva:

1º Quando existe simultaneidade de percepção do fantasma visível por duas ou mais pessoas.

2º Quando o fantasma é visto por várias pessoas que ocupam diferentes locais e correspondentes a um movimento aparente, ou quando conserva uma mesma posição, apesar da mudança de local do observador.

3º Quando a aparição exerce impressão sobre animais domésticos.

4º Quando a visão produz efeitos físicos.

5º Quando os fantasmas visíveis ou não, puderam ser fotografados.

6º Quando pode obter-se um molde de um membro da aparição.

Forçado a ser conciso, não citarei mais do que um exemplo de cada classe, ainda que poderiam reunir-se um grande número, segundo o demonstrou *M. Aksakof* no seu livro *Animisme et Spiritisme*.

1º e 2º Simultaneidade de percepção do fantasma por muitas pessoas, com deslocação aparente.

Número 348 de Os Fantasmas.

A Senhora Elgée e a senhorita Denys numa viagem que faziam à Índia, detiveram-se no Cairo, e devido ao afluxo de viajantes, alojaram-se num hotel pouco concorrido. Uma vez instaladas no seu quarto, fecharam hermeticamente a porta; colocando para maior precaução, junto a ela uma mala e um saco de noite. A Senhora Elgée despertou de repente, tendo a viva sensação de que alguém a tinha chamado, e viu na habita-

ção, à clara luz da aurora, um velho amigo, o coronel L..., ao qual dirigiu as seguintes frases: “Meu Deus! Como é que você se encontra aqui?”.

A aparição aproximou-se, apontando com o dedo a Srta. Denys, sentada na sua cama e olhando para esta forma com intensa expressão de terror. O fantasma sacudiu a cabeça e retirou-se lentamente, parecendo fundir-se na porta.

Pela manhã a Senhora Elgée nada disse à sua amiga, mas esta espontaneamente falou-lhe da aparição, descrevendo-a exatamente tal como a tinha visto a Senhora Elgée.

A aparição era tão clara, que a Senhora Elgée pôde observar três botões em ônix que o coronel usava constantemente. Mais tarde soube a senhora Elgée que, no dia da aparição, o seu velho amigo tinha pensado muito nela, desejando vivamente consultá-la quanto à aceitação de um posto que se lhe oferecia.

A hipótese de uma alucinação telepática deve descartar-se aqui, já que entre o coronel e a Srta. Denys não existia relação alguma. A dita senhora, que estava acordada por causa dos mosquitos, foi a primeira a ver o fantasma. As declarações, de ambas as testemunhas concordam, tanto no que diz respeito à descrição, como pelos movimentos do fantasma; foi, por conseguinte, uma aparição objetiva.

Fazemos notar a completa semelhança entre o duplo e o corpo físico, advertindo que a distância em nada influencia no que respeita à produção do fenômeno. Por aquilo que acabamos de dizer, deduz-se que, uma vez que o duplo é visível, é prova que tem uma substancialidade, uma espécie de matéria que lhe permite passar através da matéria e em parte livrar-se das leis da gravidade.

3º *A aparição produz uma impressão sobre os animais domésticos.* - Como ação provável de um vivo, posso citar o caso de M. Garling (*Phanfasmata*, volume II, pág. 149). Esse senhor encontrava-se de visita numa casa de campo isolada. Durante a noite os seus moradores ouviram um forte e contínuo ruído procedente da porta da frente, que parecia tremer e vibrar sob a ação de violentos golpes. O barulho acordou os criados, que dormiam a 60 passos de distância do local donde partia o ruído. A juntar a tudo isso, um cão grande que se encontrava na porta de entrada, e outro cão coelheira que estava dentro de casa, apenas podiam ladrar. Este último, realizando uma ação contrária aos seus hábitos, esquivou-se tremendo, escondendo-se debaixo do sofá. *Mister Garling* teve durante o dia a aparição do fantasma de um dos seus amigos que se encontrava gravemente doente, que desejando ardentemente vê-lo, pediu insistentemente que lhe enviassem um aviso. Embora o autor do ruído não tenha sido visto, pode crer-se que foi o duplo do amigo de M. Gar-

ling que viram os dois cães, demonstrando-o pelo medo de que deram provas. Fatos análogos ocorridos em diferentes ocasiões dão validade a semelhantes hipóteses. (*Wallace, Defense du Moderne Spiritualism.*)

4º. *Efeitos físicos produzidos pela aparição.* - O Doutor Britten, no seu livro *Man and his relations* (O humano e suas relações), cita o seguinte caso: Um cavalheiro chamado Wilson e residente em Toronto (Estados Unidos), adormeceu no seu escritório e sonhou que se encontrava em Hamilton, povoação situada a quarenta milhas inglesas a oeste de Toronto. Arranjou-se e foi bater na porta de uma amiga sua chamada Sra. D. Uma criada foi abrir e participou-lhe que a senhora tinha saído; apesar disso o visitante entrou, bebeu um copo de água e saiu, mas antes recomendou à criada que cumprimentasse a senhora. Ao acordar o Sr. Wilson apercebeu-se que tinha dormido 40 minutos. Alguns dias mais tarde uma senhora chamada G. e que morava em Toronto, recebeu uma carta da Sra. D., de Hamilton, na qual esta lhe dizia que o Sr. Wilson tinha estado em sua casa, havia bebido um copo de água e tinha saído sem retornar, o que a tinha contrariado, pois tinha grandes desejos de vê-lo. O Sr. Wilson, por sua vez, afirmava não ter estado em Hamilton desde há um mês; mas pensando no seu sonho, pediu à senhora G. para escrever à senhora D. suplicando-lhe que não falasse nada aos criados sobre o incidente ocorrido, a fim de saber se por acaso o reconheceriam. Dirige-se para Hamilton, juntamente com alguns amigos, e apresentou-se com eles em casa da Sra. D. Duas criadas reconheceram o Sr. Wilson como a pessoa que bebeu o copo de água e deixou lembranças para a dona da casa. Este exemplo demonstra uma viagem realizada pela alma durante o sono, com recordação ao despertar dos acontecimentos ocorridos durante este desprendimento. Como se vê, o duplo é tão material que pode chamar a uma porta, beber um copo de água e ser visto e reconhecido por testemunhas. É claro que aqui não se trata de telepatia, mas que é uma completa bicorporeidade, e a aparição que anda fala e bebe, não pode ser uma imagem mental, mas é uma verdadeira materialização da alma de um vivo. Experimentalmente chegou-se a resultados análogos. A Sra. De Morgan conseguiu fazer golpear a porta de sua casa por um sujeito adormecido, cuja alma produziu este efeito físico. *O Senhor Desmond Fitzgerald (Espiritualist, Volume I, página 97)* cita o caso do magnetizador Lewis que enviou a sua casa o Espírito de uma jovem a quem adormecia pela primeira vez, e fez-lhe descrever o que via e tocar numa das pessoas, que naquele instante estava presente na casa. Uma delegação de concorrentes observou a emoção profunda que experimentavam os moradores da casa, pois um fantasma (diziam) apareceu-lhes, tendo tocado um deles. Para realizar todos estes atos, é preciso que a alma te-

nha um corpo. É ela quem o fabrica com um fim determinado? Não cremos que seja assim, e diremos por quê. Se o envoltório etéreo acompanha sempre o desprendimento da alma, é porque já existe no corpo material. Semelhante indução é confirmada pela afirmação dos sensitivos muito antes de se falar de Espiritismo, a Vidente de Prevorst segundo o *Dr. Kerner*, declarava ver nos amputados o membro fluídico que lhes faltava. Davis afirma no seu livro ‘A grande harmonia’, ter visto a alma de uma moribunda, o modo como abandonava o seu corpo, escapando-se pouco a pouco, da cabeça e manifestando primeiramente a forma de uma nuvem luminosa que gradualmente foi adaptando a aparência externa e interna do corpo físico. Possuímos também o testemunho dos observadores que chegaram ao desdobramento, conservando a recordação de um tal estado anormal. Tal é o caso de um jovem gravador citado pelo *Doutor Gibier no seu livro L'Analyse des Choses (páginas 142 e segs.)* Este jovem sentia-se num corpo real, mas que a sua mão podia atravessar. Este corpo não agia sobre a matéria, ainda que a penetrasse, e assim se explica que tivesse a visão do apartamento do seu vizinho no qual nunca tinha penetrado, podendo no dia seguinte, assim que o visitou, comprovar que não foi um sonho, mas que tinha visto com a maior claridade tudo quanto ali havia. O assombro que lhe causou semelhante fenômeno, demonstrou que para nada havia intervido a vontade na sua produção. Todas as sonâmbulas lúcidas respondem e reconhecem que depois de desprender-se do seu envoltório carnal, possuem sempre uma forma vaporosa que as individualiza. Devemos advertir que estes sujeitos se encontram no segundo estado, tal como o jovem gravador, e que o eu sonambúlico, é o que se dá conta de ter a forma de seu corpo. E não é simplesmente a personalidade externa com a sua consciência normal, mas é a individualidade integral quem tem esta bicorporeidade. Se nos faltassem provas, poderíamos apelar aos estudos realizados pelo *Coronel de Rochas*, Este senhor pôs em evidência o processo de saída da alma, dando-lhe o nome de exteriorização da sensibilidade. Demonstrou que o envoltório da alma se exterioriza por capas concêntricas que irradiam ao redor do corpo, e que são sensíveis, seguindo determinadas zonas. Quando o fenômeno é completo, o duplo que, neste caso, encerra a inteligência e a sensibilidade, é completamente distinto da parte material, inerte e insensível. Junto com o *Dr. Barlemond* obteve a fotografia simultânea do corpo e do duplo de *Nadard*, momentaneamente separados (1).

(1) - *Revue Spirite*, em Novembro de 1894. Pág. 175.

5º *Fotografia de aparições de vivos*. Chegamos à prova irrefutável da objetividade da alma. Citarei alguns casos, a fim de demonstrar que não

são acidentais. O Sr. Aksakof (*Animisme et Spirit.*, pág. 78) diz que obteve o retrato do médium *Hérod* e do seu duplo. Na mesma placa vê-se o corpo adormecido, e o seu duplo sustendo-se em pé, colocado de perfil e com a cabeça ligeiramente inclinada para o sujeito. Outro caso deste gênero cita o juiz *Cartel*, numa carta que dirige ao *Banner of Light*, o terceiro caso refere-o *M. Glendiuniug*. Recordarei também que o capitão *Volpi* e um experimentador conhecido de *Mister Stead*, obtiveram fotografias de fantasmas vivos. A que se refere a este último caso foi muito interessante, pois a aparição deixou cortar uma mecha de cabelos e quebrou uma tela para afirmar a sua realidade. (*Borderland*, Abril de 1896). O doutor *Baraduc* relata também as experiências feitas pelos Srs. *Hasdeu e Istrati*. A fotografia, do desdobramento deste último, operado voluntariamente, encontra-se na obra *L'ame humaine, ses mouvements, ses lumières*, pág. 122. Estamos muito longe de aceitar para estes casos a hipótese telepática, especialmente quando se comprova cientificamente que estando imobilizado o corpo de um médium, se mostra, não obstante, o seu duplo com perfeita independência. Durante uma experiência realizada por *William Crookes*, *Mister Cox* verificou que o duplo da senhora *Fay*, médium, foi visto pelos concorrentes, enquanto o seu corpo físico estava sujeito a uma corrente elétrica, que ao mesmo tempo passava por um galvanômetro cuja agulha teria indicado a menor mudança de sítio, se tivesse tido lugar (1).

(1) - *Spiritualist*, 1875, Tomo I, pág.151.

6º *Moldagem de um desdobramento*. - O perispírito é um modelo tão exato do corpo, que reproduz com fidelidade completa todos os detalhes. É um fato geral e absoluto, que o duplo é o alter ego do ser vivo. Esta semelhança não é como a de um desenho mais ou menos grosseiro representando o corpo vivo, mas sim a cópia fiel, exata, anatômica. Não se pode imaginar que a alma produza voluntariamente este duplo, pois seria preciso que possuísse uma ciência perfeita para imitar a natureza. Uma comissão de investigações fez em 1876 uma experiência decisiva nesta matéria. Sob o título *Dédoublement du corps humain*, o *Espiritualista* de 1876 expressa-se assim: “O molde em parafina de um pé direito materializado obtido numa sessão realizada em *Great Russell Street*, 38 com o médium *Eglinton*, cujo pé direito estava visível durante a experiência para os observadores colocados fora do gabinete, comprovou-se depois de um exame minucioso feito pelo *Dr. Carter Black*, que era a reprodução exata do pé do médium *Eglinton*”.

Chegamos à prova absoluta do desdobramento do ser humano. Facilmente poderia demonstrar que a ação extracorporal da alma se exerce

também intelectualmente por meio de mensagens. Basta-me recordar os casos citados por *Aksakof*, que são os de *Solowieff de Sofia Swoboda*, de *Thomas Everitt*, de *Florença Marryat* etc. e os fatos relatados pelo juiz *Edmonds*, para estar seguro de que nenhuma forma da atividade da alma é estranha ao desdobramento. Parece-me, portanto, que demonstrei que, durante a vida, *tem a alma uma corporeidade invisível, mas real*, que reproduz anatomicamente a forma do corpo, quando se exterioriza completamente, pode agir para lá dos limites do seu corpo e provar a sua realidade:

- a) Por meio de efeitos psíquicos, *telepatia* e transmissão de impressão à distância.
- b) Por fenômenos *telecinésicos*, ações variadas sobre a matéria.
- c) Por fenômenos *telefônicos*, objetivação parcial da sua substancialidade, provada por meio da fotografia.
- d) Por fenômenos *teleplásticos*, objetivação parcial e manifestações intelectuais.

A Teoria Espírita que ensina que a alma está sempre associada a certa substancialidade, é a única que pode fornecer uma explicação simples e racional destes casos. Vamos agora demonstrar que, quando a separação da alma e do corpo é definitiva, e não momentânea, os mesmos fenômenos são observáveis, do que viremos a deduzir que a alma depois da morte conserva, não somente a sua individualidade e a sua personalidade terrestre, mas também a propriedade de organizar a matéria.

Anotações:

Sempre que for citada a palavra ‘morte’, associemos a mesma à morte física, do corpo físico! A Doutrina dos Espíritos nos faz entender que, a individualidade e personalidade apresentadas no mundo físico, são expressões parciais do momento evolutivo do Espírito, sendo plenas apenas na parte moral. Ao desencarnar o Espírito, de acordo com seu estado, readquire sua plenitude...

V - EXISTÊNCIA DA ALMA E DO PERISPÍRITO DEPOIS DA MORTE

As aparições de vivos e as dos mortos, apresentam uma perfeita analogia nas suas manifestações.

O fantasma de um humano é quase sempre idêntico ao de um Espírito desencarnado, e impossível de distinguir somente pelas características físicas; esta identidade demonstra com certeza a continuidade da ação anímica, seja na Terra seja no espaço. *Os Phantasmas e os Proceedings* contêm um número considerável de relatos nos quais se comprova que o agente deixou de viver, quando a sua aparição se realiza. Ainda que uma ação telepática é algumas vezes admissível referindo-se a um ser vivo, torna-se impossível, porém, tratando-se de um morto, a menos que se admita a sua sobrevivência. Mesmo naquele caso, nem sempre nos achamos em presença de uma alucinação verídica, mas com muita frequência a aparição é objetiva, e sobre a mesma podem fazer-se idênticas comprovações tal como quando se trata de fantasmas vivos. Portanto, se as manifestações de um morto são idênticas às de um vivo, será preciso admitir que a alma não se destrói como o corpo, e que conservou a mesma substancialidade que possuía na Terra.

Semelhante conclusão é aquela a que chegaram os videntes, independentemente dos procedimentos Espíritas e muito antes que esta ciência fosse conhecida. A vidente de Prevorst declarava que as almas estavam rodeadas de envoltórios que não faziam sombra (1).

(1) - Doutor Kerner. *La voyante de Prevorst* tradução pelo Barão du Potet. *Traité cômplet de Magnetisme*, pág. 120.

“Sua forma é cinzenta: suas vestes aquelas que usou no mundo, ainda que também cinzentas. Estas almas podem não somente falar, mas também produzir sons, tais como suspiros, roçar na seda ou no papel, pancadas nas paredes ou mobiliário, o ruído de calçado a arrastar. Mesmo assim, são capazes de mover os objetos mais pesados e de abrir e fechar as portas etc.”. Pode-se comprovar que estas descrições não eram imaginárias, pois antes de se produzirem às manifestações, estas vinham anunciadas pelos Espíritos. Além disso, estas aparições dão nomes próprios, datas e relatos de acontecimentos, cuja exatidão foi reconhecida pelo *Doutor Kerner*. *Deleuze, Billot* (1) e, sobretudo *Cahagnet* (2), publicaram observações muito numerosas, nas quais são descritas com a maior minuciosidade as pessoas defuntas, e frequentemente, sem que seja possível a hipótese da intervenção de uma leitura de pensamento do sonâmbulo nos assistentes (caso do abade Almignana). Contam-se por mi-

lhares os médiuns videntes cuja faculdade foi autenticamente comprovada. *Roberto Dale Owen* cita um notável exemplo pessoal.

(1) *Billot. Correspondance sur le Magnetisme vital, fenômenos de aportes e desdobramentos comprovados em 1820.*
 (2) *Cahagnet. Arcanes de la vie future dévoilés e volumes com mais de 200 descrições de defuntos reconhecidas verdadeiras.*

Dois médiuns videntes, desconhecidos um do outro, vivendo numa cidade distante e desconhecidos igualmente do dito *Sr. Dale Owen*, fizeram-lhe o retrato exato de uma amiga chamada Violeta, a qual havia falecido há 40 anos.

Conheço uma senhora que desfruta constantemente da visão dos Espíritos. Vê-os ir e vir tal como se fossem seres vivos, e, por vezes, tem dificuldade em distinguir entre encarnados e desencarnados.

Em diversas ocasiões comprovei que as suas visões eram autênticas, já que fez o retrato de alguns Espíritos que foram perfeitamente reconhecidos pelos parentes. Entre os vários casos que se citam, há o de ter produzido o retrato de um cavalheiro falecido há 15 anos, e que foi reconhecido pela que foi sua esposa.

A literatura Espírita é rica em afirmações deste gênero, comprovadas em certos casos pela fotografia transcendental da forma invisível. O que parece resultar do conjunto destes fatos, é, que a aparência sob a qual se veem os Espíritos, não é devida em muitas ocasiões a um ato da sua vontade. Quando ignoram que se os observa, não têm interesse em esconder-se. Embora no espaço vivam sob uma forma semelhante à que tinham aqui na Terra, é naturalmente sem intervenção voluntária da sua parte. Semelhante forma individualiza-os, fazendo parte de si mesmos. Mas há casos em que, à semelhança do que poderia fazer um hábil ator, a aparição muda de forma e aspecto. Esta modificação exterior é devida à plasticidade do envoltório supra material que pela imposição da vontade pode sofrer uma transformação. É sobre a substância do perispírito que este molde se produz.

Semelhante a esses figurinos de caoutchoud sobre os quais podem produzir-se as mais estranhas deformações, voltando a adquirir a sua forma primitiva, tão logo cessa de comprimi-los, o perispírito volta a adquirir a sua forma normal quando a vontade não intervém.

O que acabamos de expor não é uma crença “grosseiramente sensorial”, como afirma o *Dr. Hartmann*, mas sim um fato bem comprovado, como o provam as fotografias de Espíritos e os moldes de materializações.

A hipótese de que a imagem que se fixa na placa sensível, não é mais do que uma ideia exteriorizada pela consciência sonâmbula do médium, que por sua vez a recebe da consciência sonâmbula dos assistentes, fica destruída pela fotografia de uma pessoa falecida, obtida na ausência de qualquer pessoa que a tenha conhecido em vida. *M. Aksakof* citou nume-

rosos exemplos deste fenômeno. (1) Tal é o retrato da *Senhora Bonner* produzido sobre a fotografia do *Sr. Bromson Murray*, quem assim como *Munler*, que era o operador, desconhecia completamente a sua existência. Este Espírito fez-se fotografar mais tarde com uma mudança de atitude, na mesma placa que se utilizava para retratar o seu marido. Semelhantes modificações na reprodução do mesmo personagem demonstram que aquilo que se fixa na placa sensível, não são simples imagens flutuando no espaço.

(1) *Aksakof. Animisme et Spiritisme, páginas 607 e segs.*

M. Dow obteve a fotografia de *Mabel Waaren*, jovem senhora a quem conheceu em vida, mas ao mesmo tempo obteve o retrato de uma amiga de nome *Lizzie Benson*, e a quem *M. Dow* nunca tinha visto. A mãe de *Lizzie Benson*, ao ver a fotografia, exclamou: “Parece-me uma coisa difícil de acreditar, ainda que eu a veja, mas sou obrigada a convencer-me, pois consta-me que à falecida jamais a tinham retratado”.

Também é uma hipótese desmentida pelos fatos a de supor que o Espírito não conserva a sua substancialidade senão que por pouco tempo antes da separação do seu corpo físico, pois com frequência se prova o contrário. Veja-se o seguinte caso que refere o *Doutor Thomson* em carta que dirigiu em 1873 ao diretor do *Spiritual Magazine* (Pág. 475.):

“Meu Senhor: De acordo com a minha promessa, tenho o prazer de vos informar a respeito de que a figura que se fixou sobre a minha fotografia, foi reconhecida como o retrato de minha mãe, a qual morreu depois do meu nascimento faz quarenta e quatro anos. Como eu nunca tinha visto nenhum retrato dela, não me foi possível reconhecer a sua semelhança; mas tendo enviado a fotografia ao seu irmão, pedindo-lhe para dizer-me se lhe encontrava alguma semelhança com qualquer um dos meus parentes já falecidos, obtive a resposta, de que nos traços do rosto do retrato que lhe enviava, reconheceu os de minha mãe”.

Vosso affmo. - *G. Thomson.*

“Pode ser mais racional admitir o que os fatos nos demonstram, isto é, a substancialidade da alma e a preservação da forma física, que imaginar uma entidade transcendental da qual não se possa compreender a natureza e cuja realidade não seja possível revelar experimentalmente. Além disso, as materializações demonstram tais caracteres fisiológicos e anômicos, que apenas se pode atribuir a corporeidade, dessas criações temporais à vontade do Espírito.

A fim de não prolongar desnecessariamente o debate, vejamos o caso típico, que exclui a possibilidade de explicar a aparição por uma transfiguração do médium, ou do seu duplo. Examinemos imediatamente um dos relatos em que se comprova a presença simultânea de muitos Espíri-

tos tangíveis e do médium desdobrado. Parece evidente que uma vez que estes seres temporalmente objetivos, falam, andam e possuem um corpo ‘similar ao’ físico não podem ser criações do pensamento do médium, mas sim individualidades independentes.

Esta afirmação é comprovada pelos *Srs. Reimers e Oxley*, investigadores intrépidos e respeitados, que estudaram semelhantes fenômenos (1).

(1) - *Aksakof. Obra citada, pp. 139 e segs. Veja-se também La Revue Spirite, 1878, pág. 65 e segs.*

Ao terminar um grande número de sessões, ficaram persuadidos de que duas formas materializadas conhecidas pelos nomes de “*Bertie*” e “*Lily*” eram diferentes entre si e independentes do médium, porque cada um destes Espíritos pode produzir, em diferentes ocasiões, moldes de mãos e pés materializados, que têm sempre a mesma forma para cada Espírito; em segundo lugar, porque estas materializações produziram moldes idênticos, mesmo ao ser substituído o primeiro médium, que o era a *senhora Firman*, por outro médium, que era o *Dr. Monck* (2). Aqui está como o *Sr. Reimers*, relata estes fatos:

(2) - *Diz o Senhor Reimer (que obteve os mesmos fenômenos com a ajuda de outros médiuns, que foram o Dr. Monck e o filho do nosso médium habitual). Revue Spirite, 1878, página 71.*

“Muito em breve a força oculta começou a atuar, ouvindo-se o correr da água. Poucos minutos depois fui advertido para que me levantasse e estendesse as mãos em atitude curvada, para retirar os moldes. Senti o contato de um molde em parafina, e no mesmo instante o pé materializado desprendeuse com a rapidez dum raio, produzindo um estranho som, e deixando o molde entre as minhas mãos. Nesta mesma noite obtivemos as duas mãos. Os três gessos têm exatamente as linhas e veios característicos das mãos e dos pés de *Bertie*, tal como os tinha observado quando os seus moldes, tinham sido obtidos nas sessões realizadas com a *Sra. Firman*.

“Esta observação demonstra a independência da materialização frente a frente com o médium”.

Em seguida, copiamos outra prova absoluta, extraída de umas notas do *Senhor Oxley*, relativas a uma sessão posterior (*Spiritualist, 24 de Março de 1878*). “Muito em breve duas figuras de mulheres, que conhecemos com os nomes de “*Bertie e Lily*”, apresentaram-se na abertura dos cortinados, e quando o *Dr. Monck* passou a sua cabeça através dessa abertura, aquelas duas figuras assomaram a cabeça por cima dos cortinados, enquanto duas figuras masculinas “*Milke*” e “*Richard*” as separavam por ambos os lados fazendo-se visíveis. *De maneira que simultaneamente percebemos o médium, e quatro figuras materializadas*, de que cada alma oferecia traços particulares que a distinguiam das demais, como ocorre entre pessoas vivas. É inútil dizer que foram tomadas todas as

medidas de precaução para evitar qualquer fraude, e que se se tivesse tentado qualquer fraude, nos teríamos dado conta à menor tentativa”.

“É escusado dizer que os moldes procedentes de *Bertie ou de Lily* são verdadeiras peças anatômicas; também não se tratava de imitações mais ou menos perfeitas de membros humanos, como as que produziria uma ação voluntária. É a mesma natureza a que se descobre com uma complexidade inimitável. *M. Aksakof* disse a este propósito o seguinte (pág. 148): “A forma em gesso do pé de *Bertie* que recebi do *Senhor Oxley* apresenta particularidades convincentes em alto grau, os buracos formados pelos dedos ao nível da sua união com a planta, tiveram necessariamente de ser preenchidos com parafina e formar eminências verticais que infalivelmente se teriam quebrado, ao ter-se removido o pé, como de costume, sendo assim que a forma dos dedos permaneceu intacta. Existe outra circunstância significativa, que é, que não só se reproduziram as cavidades e fundações de uma forma perfeita, como se marcaram com a maior clareza as linhas sinuosas que sulcam a planta do pé (em número de 50 por polegada, mais ou menos), conforme verificado pelo *Senhor Oxley*”.

Parece, portanto, bem estabelecido, como é evidente a partir das experiências mencionadas, que o envoltório fluídico observado, contém o plano orgânico de um ser vivo até aos seus mínimos detalhes, e parece plausível que se se pudessem obter moldes ou impressões de todas as aparições, se encontraria constantemente este caráter morfológico do organismo invisível.

Aqui estão alguns fatos que estabelecem o fundamento desta opinião. Quando apenas se tenha acentuado o grau de materialização dos seres que produzem os fenômenos, de modo que a vista possa percebê-los, o início de tangibilidade necessária para a obtenção de traços materiais são acusados pelos mesmos detalhes anatômicos que, quando o grau de materialização é completo. A partir do momento em que começa a objetivação mostram-se as propriedades funcionais do perispírito de um modo mecânico, automático.

O astrônomo *Zoellner* afirma (1) que, durante uma das experiências que realizou com *Slade*, produziu-se a impressão de uma mão invisível, num vaso cheio de farinha em flor, ficando assinaladas de um modo bastante claro todas as sinuosidades da epiderme, sem perda de vista das mãos do médium, que permaneceram constantemente sobre a mesa. A mão impressa sobre a farinha era maior do que a de *Slade*.

(1) ZOELLNER; *Wissenschaftliche Abhandlungen*. Vol. II.

Noutra ocasião, obteve-se uma impressão duradoura sobre um papel enegrecido à chama de uma lâmpada de petróleo. *Slade* descalçou-se i-

mediatamente, mostrando que em nenhum dos seus pés havia o menor sinal de fumo negro, comprovando-se, além disso, que a pegada do pé estampada no fumo negro, tinha mais de quatro centímetros de extensão que o pé do médium. Essa marca era a de um pé comprimido por uma bota, pois um dedo estava tão completamente recoberto por outro, que não era possível vê-lo.

Não podia atribuir-se semelhante impressão ao duplo de *Slade*, esta tinha de ser produzida por um ser que possuísse esta deformação característica conservada na forma fluídica.

O *Dr. Wolf*, (2), numa sessão realizada com a *Srta. Hollis*, viu fazer evoluções rápidas a uma mão, e depois de colocar-se sobre um prato, contendo farinha, retirou-se, mas não antes de ter sacudido as partículas aderentes. “*A pegada deixada na farinha representava a mão de um humano adulto com todos os detalhes anatômicos*”.

(2) *Doutor Wolf, startling facts. Pág. 481.*

O *Professor Denton*, inventor dos moldes em parafina, na primeira sessão realizada com a *Senhora Hardy*, obteve de 15 a 20 moldes de dedos de toda a forma e tamanho. Sobre os maiores como sobre os de dimensões normais, viu todas as linhas, depressões e relevos que são observados em dedos humanos. O *escultor O'Brien* examinou sete modelos em gesso de mãos materializadas encontrando-as de uma “*maravilhosa execução*”, reproduzindo todos os detalhes anatômicos, assim como as desigualdades da pele, com uma finura tão grande como a que poderia obter-se modelando um membro humano, ainda que para isso seria preciso um molde em peças, enquanto que os modelos submetidos ao seu exame não levavam “*qualquer vestígio de soldadura*”. O relato do *Senhor Denton* diz que um desses moldes “se parece singularmente, tanto na forma como em tamanho” ao molde da mão do *Sr. Henry Wilson*, cuja extremidade foi exumada pelo *Sr. O'Brien* pouco tempo depois do falecimento daquele, para conseguir o molde da cara sobre gesso. Neste exemplo se demonstra de um modo indubitável a conservação da forma humana. O *Doutor Nichols* confirma o mesmo a propósito da mão da sua filha, que se obteve com o mesmo processo. “Esta mão (disse) não tem nada da forma convencional em que crêem os estatuários. É uma mão puramente natural, *anatomicamente correta, pondo a relevo os ossos, veias e as menores sinuosidades da pele*. É a mão que tantas vezes tinha estreitado durante a sua existência mortal”.

Poderíamos multiplicar estes depoimentos que estabelecem que o Espírito tem um organismo invisível cuja forma exterior é idêntica à de um corpo terrestre, fazendo crer algumas observações, que esta similaridade tem também lugar para todos os órgãos internos. Na célebre descrição de

Katie-King dada por *Crookes*, o eminente observador declara que a aparição tinha um pulso que batia regularmente 75 vezes por minuto, enquanto que o da Srta. Crook alcançava poucos instantes depois, o número de 90, o seu valor normal. Apoiando a cabeça sobre o peito de *Katie* percebia-se o latido de um coração, notando-se que os pulmões eram mais saudáveis do que os da médium. Portanto, se se vê em *Katie* um desdobramento da *Srta. Crook*, como se vê um Espírito, o fato é que a aparição totalmente materializada encerra um mecanismo interno absolutamente semelhante ao de um vivo.

O Sr. *A. R. Wallace*, numa carta ao Sr. *Erny*, escreve (1): “Algumas vezes, a forma materializada não parece mais do que uma máscara, incapaz de falar ou de tornar-se tangível a um ser humano. Noutras circunstâncias, a forma tem todas as partes características de um corpo vivo e real, podendo mover-se, falar, escrever e desenvolver calor ao tato. Tem “sobretudo uma individualidade e qualidades físicas e mentais completamente diferentes das do médium”.

(1) *Erny, Le psychisme experimental.*

Numa sessão realizada em Liverpool com um médium não profissional, o Sr. *Burns*, editor do *Médium*, viu aproximar-se-lhe um Espírito com o qual ele havia tido muito tempo de relação, “apertou-me a mão com tanta força (diz o narrador), que percebi a fenda de uma das articulações dos seus dedos, tal como ocorre quando se aperta a mão com força. Este fato anatômico foi corroborado, pela sensação que experimentei de ter uma mão perfeitamente natural”. O Dr. *Hitchman*, que formava parte deste círculo, escrevia o seguinte parágrafo ao Sr. *Aksakof* (2). “Creio ter obtido a maior certeza científica de que cada uma das formas aparecidas era uma individualidade distinta do envoltório material do médium, pois eu examinei-as com ajuda de diversos instrumentos, comprovando a existência nela de respiração e circulação, e tendo também medido a sua altura, e circunferência do corpo, podendo apreciar o seu peso etc”.

(2) *Obra citada, página 228.*

“Estes são múltiplos e reiterados testemunhos que não permitem duvidar de que a alma depois da morte possua uma substancialidade que contém as leis organogênicas do corpo humano. Sabemos que a matéria e a energia de que têm necessidade a aparição para tangibilizar-se, são fornecidas pelo médium e, por vezes, pelos presentes. As comprovações feitas sobre determinados sujeitos durante as materializações têm demonstrado que as variações de peso do médium estavam sincronizadas e ligadas ao objetivo do fantasma (1). Além disso, o estudo cuidadoso dos moldes mostra claramente, que se a forma pertence ao Espírito, a matéria procede do médium, uma vez que semelhantes moldes apresentam particulari-

dades cutâneas que revelam a idade do referido médium. Assim pois, relacionando cuidadosamente os fatos de desdobramento, com os fenômenos de materialização, aparece claramente que a alma, tanto em vida como depois da morte, se encontra sempre revestida com um envoltório substancial, normalmente invisível e imponderável, mas que contém as leis Biológicas que presidem à organização do corpo humano.

(1) Aksakof. Un cas de dématérialisation partielle du corps d'un médium. (Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium).

Não tratamos de investigar qual é esta substancialidade, limitando-nos apenas a adotar a palavra perispírito (de *peri*, em torno de Espírito, *Espírito*), que em nada afeta a sua natureza; do que estamos certos é, de que o perispírito não é um produto do corpo físico, porque pode desprender-se do mesmo ainda em vida, que sobrevive à destruição do organismo material, e que contém, mesmo após a morte, as leis organogênicas que permitem reconstituir momentaneamente um ser humano.

Nas sessões de materializações, assistimos a uma espécie de encarnação temporal, anormal, cuja duração é muito curta, permitindo-nos isto deduzir, que é o mesmo fenômeno o que se produz naturalmente quando vimos ao mundo.

Anotações:

Nós somos muito, mas muito mesmo, interessantes... Há milênios vimos recebendo 'instruções' dos irmãos espirituais e as 'desprezamos', ficamos, sempre, querendo 'materializar' os Espíritos... Nosso estágio evolutivo espiritual de 'orgulho e egoísmo' faz com que valorizemos nossa 'existência' física, querendo-a maior do que a espiritual. Vamos nos ater aos ensinamentos já existentes, realizá-los ao máximo das nossas possibilidades e, assim fazendo, naturalmente receberemos as 'verdades' da vida espiritual...

VI - O SER HUMANO

Importância fisiológica do perispírito - A alma é absolutamente diferente do corpo e sobrevive, pré-existe ao nascimento, pois os pais (assim como o médium durante a materialização) apenas fornecem a energia vital e a matéria que irá constituir o edifício corporal. Esta maneira de pensar é confirmada pela observação dos fenômenos que ocorrem durante toda a existência dos seres vivos.

Ouçamos a grande voz de Cláudio Bernard, que proclama a necessidade de uma ideia pré-concebida para explicar a formação do embrião (1). “Na evolução do embrião vemos aparecer um simples esboço do ser antes de seu organismo completo. Os contornos do corpo e os órgãos são encontrados no início, começando pelos andaimes orgânicos provisórios que servirão de aparelhos funcionais do feto. Nenhum tecido se manifesta bem diferenciado. Toda a massa está constituída por células plasmáticas e embrionárias, mas apesar disso nesse esboço vital está já traçado o *desenho ideal de um organismo ainda invisível para nós, que já atribuiu a cada parte e a cada elemento, o seu lugar, a sua estrutura e as suas propriedades*. No sítio onde devem aparecer os vasos sanguíneos, nervos, músculos, ossos etc., as células embrionárias transformam-se em glóbulos de sangue, em tecidos arteriais, venosos, musculares, nervosos e ósseos”.

(1) *Claude Bernard. Les phénomènes de la vie.*

Além disso, o eminente fisiologista esclarece do seguinte modo o seu pensamento (2):

(2) *Claude Bernard. Introduction à la médecine.*

“O que é essencialmente do domínio da vida e que não pertence nem à física nem à química, nem a outra coisa, é a *ideia diretriz* desta ação vital. Em todo o germe vivo existe uma ideia diretriz que se desenvolve e se manifesta pela organização. Enquanto o ser vive encontra-se submetido à influência desta mesma força vital criativa, e a morte ocorre quando a dita ideia não pode ser realizar. É sempre a mesma ideia a que o ser conserva, reconstituindo as partes vivas, desorganizadas pelo exercício ou destruídas pelos acidentes ou enfermidades”.

Estas apreciações são tanto ou mais justificadas quanto os progressos da química fisiológica permitiram estudar de uma maneira bastante exata a composição do corpo. Sabemos hoje de uma forma certa que todos os tecidos que o compõem renovam sem cessar. Os ossos, que parecem tão resistentes, acham-se submetidos perpetuamente a uma mudança interna que se mostra visivelmente colorindo a alimentação. O trabalho de evo-

lução fisiológica escapa inteiramente aos olhos do humano não prevenido, revelando-se somente ao exterior por meio de especiais modificações que exigem um longo intervalo para conseguir que se tornem aparentes. Entre duas épocas muito próximas, não sabem nem podem os humanos discernir os efeitos deste trabalho íntimo e contínuo, imaginando-se ser na sua totalidade a mesma e nascendo daí o sentimento da identidade pessoal.

Mas a partir do momento em que se realiza a comparação entre dois dados distantes, trinta anos, por exemplo, as mudanças experimentadas pelo corpo aparecem com uma limpeza irrecusável. Já então não resta nenhum outro recurso senão render-se à evidência, uma vez que se chega ao convencimento de que se mudou radicalmente.

Similares transformações ocorrem invisivelmente e com lentidão. Não existe uma manifestação vital que não corresponda a uma destruição orgânica. Ao executar um movimento, tanto no humano como no animal, uma parte da substância ativa do músculo queima-se e destrói-se; quando a sensibilidade e a vontade se manifestam, os nervos gastam-se; quando ocorre o pensamento, o cérebro consome-se. Assim, pode *dizer-se que jamais a mesma matéria serve duas vezes à vida*. Quando um ato se cumpre, a partícula de matéria viva que serviu para produzi-lo, já não existe. Se o fenômeno reaparece, é porque uma nova matéria lhe prestou o seu contributo.

A deterioração orgânica é sempre proporcional à intensidade das manifestações vitais; assim a alteração material é tanto mais profunda ou substancial, quanto mais ativa se mostra a vida.

A desassimilação separa das profundidades do organismo aquelas substâncias tanto mais oxidadas pela combustão vital, quanto mais vigoroso foi o funcionamento dos órgãos.

As oxidações ou combustões engendram o calor animal, dando origem ao ácido carbônico que é exalado pelo pulmão, e a vários produtos que se eliminam pelos outros emunctórios da economia.

O corpo gasta-se experimentando uma perda de peso que é preciso reparar através da alimentação (1).

(1) Claudio Bernard, *La Scienza sperimentale*, pág. 188.

A urina, o suor, a respiração, são os veículos que transportam para fora os detritos vitais. Essas três funções reassumem o total das perdas que o humano tem cada dia pela desassimilação tomando o valor de 1.500 gramas para a urina, como o faz Vogel (2) que se decompõe em 1440 gramas de água e 60 gramas para as substâncias em dissolução, tais como ureia, uratos, fosfatos etc. (3) teremos o seguinte resumo:

1º Urina 1500 gramas

2º Suor..... 1000 (4)

3º Respiração..... 500

----- = Total. 3000 gramas.

(2) Ferriere, *La matière et l'énergie*, pp. 160 e segs.

(3) Littré, *Dictionnaire de médecine*, artigo: Urine.

(4) Robin, *Traité des bumeurs*, pp. 621 a 625.

Já que o humano perde cada dia três quilogramas de matéria combinada, é obrigado a substituí-las por três quilogramas de alimentos sólidos e líquidos. Num ano terá perdido $3 \times 360 = 1095$ kg, que terá substituído por um igual número de quilogramas de alimentos sólidos e líquidos.

Vejamos o peso total de matéria que passou pelo seu corpo durante a sua existência. Para simplificar o problema e pôr de lado as variações em mais ou em menos da juventude e da velhice, pode-se supor que a vida do humano corresponde a 40 anos, durante os quais o equilíbrio da mudança de matéria é de 1095 kg por ano. Deles se virá a deduzir que, durante toda a sua existência terá recebido o humano $1095 \times 40 = 43800$ kg de várias substâncias. A estes 43800 kg há que juntar os 75 de peso corporal do humano na idade viril, pois por hipótese e para simplificar, consideramos o humano na sua idade adulta. Por conseguinte, o total será de 43875 kg ou 44000 kg em números redondos.

Assim, desde o nascimento até à morte, ou seja, durante toda a sua existência, cada humano, devolve sucessivamente e por frações os 44000 kg de substâncias minerais que sucessivamente assimilou por frações. Em suma e em última análise, o que é um corpo humano? É uma forma na qual passaram os 44000 kg de matéria. Este fato não é explicável senão através do conhecimento do perispírito.

Se em nós não existisse um molde fixo, estável e que nunca muda, não se poderia compreender de que modo o envoltório carnal pode conservar o seu tipo orgânico, no meio desta torrente de matéria. Ao aplicar ao perispírito a qualidade de estável, não podemos entendê-la em sentido equívoco. Vejamos como deve ser interpretada:

Quando se compara o estado do corpo: face, corpulência, cabelo, estatura que se tem aos cinquenta anos, com a que se tinha aos vinte, ficamos impressionados com as profundas modificações que se produziram. Se voltarmos para a idade de dez anos, as mudanças são ainda maiores e, todavia, observando atentamente a fotografia, adivinham-se sem grandes dificuldades nos traços da fisionomia da criança e do adolescente, a origem da fisionomia do humano de cinquenta anos. A evolução que continuamente se realizou permanece contida em limites definidos, estes limites são os que impõem a forma, abstração feita das moléculas componentes, ou seja, dos que se denomina o tipo.

Como será possível duvidar um só momento da realidade da existência da alma, ao ver que o referido tipo se revela sempre, ainda que mesmo fora dos limites do corpo?

Os casos citados precedentemente são outras tantas provas incontestáveis desta forma da alma, independente das moléculas carnis que não são para ela mais do que um manto em mudança, ainda que sempre formado de materiais semelhantes; um fluxo que a rodeia e no qual se materializa momentaneamente. Esta forma indestrutível é a que se encontra após a morte, pois ela não depende do corpo físico, mas preexiste à matéria viva e subsistirá ainda quando a vida se extinga no seu envoltório.

O perispírito pode comparar-se grosseiramente a um recipiente no qual a água passaria sem depositar-se, pois constantemente uma parte do líquido derrama-se, e desde o exterior, vem uma quantidade igual, para substituir a que desapareceu.

No corpo humano, em vez de água, é a matéria que circula, pois se nós mantemos a nossa individualidade intelectual é porque ela não está ligada a esta substância volátil que foi renovada centenas de vezes e que reside no que é constante na alma e no seu envoltório. Mas dir-se-á; se o perispírito é imutável, como se explicam estas mudanças no aspecto exterior? Donde procede a evolução que se manifesta a partir do nascimento até à morte?

Creio que deve ser atribuído à energia vital, quantidade limitada que vai sem cessar diminuindo até à extinção final.

O princípio de atividade que nos faz viver, é uma quantidade limitada de energia que se esgota com o uso. Desde a concepção até à morte, a potência que constrói e repara o organismo vai sem cessar diminuindo. Enquanto que durante os nove meses de gestação o óvulo fecundado aumenta em peso mais de um milhão de vezes, o recém-nascido ganha somente o triplo no primeiro ano, uma sexta parte no segundo ano, e vai diminuindo em anos sucessivos. Desde os trinta aos quarenta anos, o corpo permanece estacionário, e a partir dessa idade, vai diminuindo até ao fim (1).

(1) - Bourdeau, *Le problème de la mort*, pág. 302.

Tal como os projéteis movidos por um impulso repentino, têm os seres lançados à vida o seu máximo de força viva, ao princípio, e vão-na perdendo gradualmente à medida que têm de vencer resistências, parando a sua carreira assim que tenham consumido aquela. No momento da encarnação, fixa-se no perispírito a força que emana dos progenitores, e esta força é a que porá o seu mecanismo funcional em movimento e a que será o manancial da sua atividade. A evolução é devida à variável densidade desta força.

Durante a velhice o perispírito mantém as mesmas propriedades, mas exercem-se mais debilmente à medida que diminui o princípio de animação.

Aos que não entendem de que maneira uma substância tão rarefeita como o perispírito pode conter leis que se traduzem pelo desenho do ser vivo, deixem-me sublinhar uma analogia. O fantasma magnético é obtido por meio de um eletroímã cujos polos são as extremidades. Em torno desses dois polos colocam-se limalhas de ferro seguindo determinadas linhas, e isto acontece, logo que se faz passar através das espirais do eletroímã uma corrente elétrica. Portanto, a eletricidade, força imponderável, determinou no ferro doce do eletroímã o nascimento da força magnética, e isto colocou, sem contato direto do dispositivo, as moléculas das limalhas de ferro, pela ordem em que podemos observar realizando a experiência.

Enquanto dura a passagem da corrente é mantido o desenho formado, mas logo que a energia elétrica se esgota, o menor choque exterior destrói a figura formada. Esta é variável nas suas disposições, conforme pontos consequentes ou que os polos sejam mais ou menos contornados. Se compararmos o perispírito a um eletroímã possuindo por diferenciação numerosos polos, poderemos imaginar que cada um dos grandes sistemas do organismo corresponde a um desses polos. O coração, com a rede de veias e artérias, será desenhado desta maneira. Os pulmões, os sistemas nervosos, ósseos etc, serão as linhas de força deste organismo fluídico, e pode-se compreender que, por mais que se renove a matéria, esta vê-se obrigada a colocar-se na ordem que lhe é dada por este andaime vital, assim como ocorre com o fantasma magnético cujas limalhas de ferro poderiam mudar-se sem intervalo, e no entanto, o espectro magnético não se modificará, enquanto a corrente elétrica conserve a mesma intensidade. É verdade que esta comparação é de certo modo esquemática, pois o perispírito é constituído por um estado da matéria muito diferente do eletroímã, e as ações que com ele se realizam são muito complexas.

Usando a comparação precedente, o fato é que o Espiritismo traz uma concepção inteiramente nova, e é, que as leis organogênicas do ser humano residem no envoltório fluídico. Quando a alma habita no espaço; essas leis permanecem sobre o perispírito em estado latente, e não dão nenhum sinal de atividade até que são postas em ação pela força vital. Esta transmite as alterações congênicas da herança, que alteram as características secundárias do tipo fluídico fornecido pelo Espírito. Pode dizer-se que a intensidade das suas manifestações é proporcional à da energia vital. Daí vem a tremenda atividade que é observada no início da

vida, bem como o esmagamento da máquina orgânica próprio da decrepitude. Assim, a alma, o perispírito e a força vital são fatores indispensáveis a todo o ser animado, chame-se humano, animal ou planta.

Papel psicológico do perispírito. - Sabemos que após a morte a alma conserva a memória dos acontecimentos terrestres, e que esta memória implica a existência de uma espécie de substancialidade; vimos que o perispírito é geralmente invisível, imponderável, e que não é destruído como o corpo físico: por conseguinte nele existe a memória.

Sem pré-julgar em nada a verdadeira natureza deste corpo espiritual, somos inclinados a supor, devido aos seus caracteres de invisibilidade e imponderabilidade que, o perispírito é formado por uma espécie de matéria extremamente rarefeita, cujo movimento vibratório molecular deve ser muito rápido, de acordo com aquilo que é geralmente aceite sobre os diferentes estados sólidos, líquidos e gasosos, que não são mais do que as terminações distantes de uma série de modificações físicas, atribuíveis à quantidade de força física contida em cada molécula.

A Sensação. - Durante a vida, o perispírito está interposto entre a alma e o corpo, e como resultado disso, todas as sensações devem passar por ele com o objetivo de atingir a consciência, tal como todas as operações intelectuais e voluntárias deixam lá a sua marca, pois nada se perde na natureza.

Toda a força que atua sobre um corpo poderá transformar-se, mas volta a encontrar-se por inteiro no corpo que foi submetido à sua ação. Este é modificado num certo sentido, assim o perispírito deve registrar as modificações sucessivas que experimenta, e como é um organismo permanente, nele devem voltar a encontrar-se tantas sensações, pensamentos e volições quantas o fizeram vibrar durante a sua vida terrena.

Qual é a espécie de modificação produzida no envoltório etéreo?

Vou tentar demonstrar que é de natureza dinâmica.

Toda a sensação visual, auditiva, táctil ou gustativa, é determinada na sua origem por um movimento vibratório do aparelho receptor. O raio luminoso que impressiona a retina, o som que faz vibrar o tímpano, a irritação dos nervos periféricos da sensibilidade, em suma, todas estas excitações se traduzem por um movimento diferente, dependendo da natureza e da intensidade do excitante.

Esta vibração propagar-se-á ao longo dos nervos sensitivos, e depois de ter percorrido certo trajeto no cérebro, vai parar, de acordo com a natureza da irritação, a um território especial da capa cortical, dando origem à percepção. Já neste terreno tocamos um ponto escuro que nenhum filósofo nem naturalista foi capaz de explicar.

Alguns, como Luys, dizem que a força se exalta, se espiritualiza, o qual não significa nada sem admitir o perispírito, que o dito autor não conhece, outros se limitarão a dizer que a percepção pertence ao sistema nervoso psíquico, o qual fica modificado de certa maneira. Aqueles que assim pensam atribuem à matéria as faculdades da alma, que nenhuma indução pode justificar; para eles a célula nervosa é o elemento que recebe, armazena e reage, não estando ainda resolvida a questão de saber se o fenômeno tem lugar por vibração, como ocorre com a oscilação de uma corda assim que se a separa da sua posição de equilíbrio, ou em virtude de uma decomposição química do seu protoplasma.

O que há a certeza é que tem efeito uma alteração dinâmica, e desde então a força vital foi modificada em certo sentido, adquirindo um ritmo vibratório especial que se comunica ao Espírito e, a partir deste momento, se a atenção estava desperta, terá ocorrido o fenômeno da percepção.

(1)

(1) O Professor Huxley no seu discurso em Belfast, 1874 declarou:

“É indubitável que os movimentos que dão lugar à sensação, deixam no cérebro certas modificações de sua substância, respondendo ao que Haller denomina vestigia, rerum, e que o grande pensador Hartley denominava vibrações. Ao passar a sensação deixa moléculas cerebrais aptas a reproduzi-la, moléculas sensígenas, por assim dizer, que constituem a base física da memória”.

“O famoso naturalista emite aqui uma simples hipótese. Ninguém jamais viu as moléculas sensígenas, em vez disso, vemos o perispírito e sabemos que subsiste após a morte. Este organismo é o cérebro fluidico do Espírito, sendo lógico, portanto, confiar-lhe a preservação da memória, mais do que à molécula física perpetuamente mutável”.

A Memória psíquica. - O mecanismo do pensamento durante a vida está ligado a um certo desgaste do cérebro, como o provam a elevação de temperatura das camadas corticais enquanto dura o trabalho mental e o aumento de resíduos excretados sob a forma de sulfatos e fosfatos. Sendo o perispírito o dobro do organismo, sofre modificações concomitantes, de modo que, na verdade, contém sob forma de movimentos, todas as modalidades da atividade espiritual, do mesmo modo que uma chapa fotográfica impressionada pela luz guarda, perpetuamente, através de uma reação fixa e indelével, os vestígios da excitação luminosa.

Sobre esta chapa podem fixar-se uma série de imagens, e apesar de ter-se sobreposto as últimas às precedentes, nem por isso elas são removidas, a não ser pela destruição das imagens.

Esta analogia está ainda muito distante, porque, na realidade, o perispírito não é uma substância sólida, por isso nele podem registrar-se milhões de impressões com muito mais facilidade do que na placa gelatinizada, a qual apresenta um estado de condensação molecular estável.

O fato essencial é a preservação indelével das sensações. Para citar o Professor *M. Richet* (1)

“Assim como na natureza nunca há perda de força cósmica, mas apenas, transformação incessante, assim também tudo quanto faz vibrar o Espírito do humano, tão pouco se perde. É a lei da conservação da energia sob

um ponto de vista diferente. Os mares ainda sentem a influência da esteira do navio de Pompéia, uma vez que o movimento da água não se perdeu, só se modificou, difundido, transformado numa infinidade de pequenas ondas, que, por sua vez, se transformaram em calor; ações químicas ou elétricas. Paralelamente, as sensações que abalaram o meu Espírito há vinte ou trinta anos, deixaram em mim um vestígio, e por mais que não me seja conhecido e que por conseguinte não possa evocar a sua memória, posso dizer que esta recordação não se extinguiu e que as antigas sensações, infinitas em número e variedade, exerceram em mim uma influência poderosa”.

(1) *Richet Origens e modalidades da memória, Revue philosophique, junho 1896.*

A experiência confirma estes ensinamentos, porque em certos sujeitos hipnotizados podem despertar-se sucessivamente todas as fases da sua vida anterior (2) enquanto que no estado normal as tinha completamente esquecidas. Esta ressurreição de um passado perdido para a consciência ordinária, demonstra que nada se perde. Mas de que maneira é que esse passado renasce? Para entender o que acontece, é preciso saber como e quando ocorre a percepção. Assim, é preciso não esquecer que para perceber uma sensação, ou seja, para que se traduza em estado de consciência, são necessárias duas condições: 1º a intensidade e a duração 2º.

(2) *Binet. As alterações da personalidade, pp. 237 e segs.*

A intensidade é uma condição de caráter muito variável, mas é sempre necessário que a sensação tenha um mínimo de força para que a percepção se produza. Daí que, quando os sons são muito débeis, não percebemos, nem apreciamos os sabores que não têm uma certa intensidade. Por esse motivo, quando as percepções não guardam constantemente a mesma força, diminuem insensivelmente até que não sendo suficientemente intensas para ficar presentes no Espírito, caem por “baixo do solo da consciência”, como diz *M. Ribot*. (1)

(1) *Ribot. Les maladies de la mémoire, pp. 22 e segs.*

A duração. - O tempo necessário para que uma sensação seja percebida, ou ainda melhor, para que o Espírito adquira conhecimento da sensação, foi medido nas sensações visuais, auditivas e tácteis. Por mais que os resultados sejam muito diferentes segundo os experimentadores, as pessoas nas quais se experimentou, bem como a natureza dos atos psíquicos estudados, não obstante, ficou estabelecido que cada operação intelectual requer uma duração apreciável, e que a pretendida velocidade infinita do pensamento, não é mais do que uma metáfora.

Colocada a questão, tal como acima descrito, é evidente que qualquer alteração sensorial cuja duração é inferior à que requer a psíquica, não pode despertar a consciência e registra-se sem que a alma tenha noção disso.

Ao longo da nossa existência, as sensações e pensamentos gravam-se nos com uma potência que depende da intensidade e duração das causas que determinam os ditos pensamentos e sensações, e à medida que a intensidade e duração diminuem, vão desaparecendo momentaneamente do campo da consciência para dar lugar a outras; numa palavra, tornam-se inconscientes.

Portanto, a partir do nascimento, a nossa alma cria uma imensa reserva de sensações, volições e pensamentos. Cada espetáculo que contemplamos, cada livro que lemos, cada conversa mantida, deixa em nós uma impressão indelével, as ideias ligam-se e encadeiam-se pela lei de associação, e esta lei tem efeito também entre as sensações e percepções. O território onde se acolhe este sem número de materiais é o perispírito; aqui se inscrevem todas as aquisições, coexistindo sem confundir-se, sem misturarem-se umas com as outras, e formando como que a biblioteca viva de cada ser sensível. Este tesouro que se denomina o inconsciente, é uma espécie de cinematógrafo natural que funciona sob a ação da vontade. Quando o Espírito quer utilizar esta reserva vê-se muitas vezes obrigado a fazer um esforço para avivar as recordações, pois para verificar os estados psíquicos subconscientes, é preciso que lhes devolva o mesmo ritmo vibratório que tinham no momento de produzir-se. Como se consegue isto? A experiência ensina-nos que a atenção tem como resultado um aumento na potência do movimento num músculo (1). Quando por meio da vontade concentramos o nosso pensamento na direção de uma recordação, conseguimos mandar em sua direção uma série de influxos sucessivos, que têm como objetivo devolver às células e, por conseguinte, ao perispírito, o mesmo movimento vibratório que possuíam no momento de ter-se tornado consciente. Esta repetição de uma excitação chega a produzir uma congestão no órgão material com grande atividade funcional, e produz até mesmo abaixo dos limites da consciência, uma espécie de atenção passiva.

Após uma série de excitações da mesma intensidade, cujas primeiras não tinham sido sentidas, a reminiscência torna-se clara. É fácil compreender de que maneira, e valendo-se da mesma teoria, se pode passar do inconsciente psíquico para o inconsciente orgânico.

(1) *Féré. Sensation et mouvement, (Sensação e movimento), pp. 83 e segs.*

A Memória orgânica. - O verdadeiro tipo da memória orgânica deve procurar-se naquele grupo de fatos que *Hartley* denominou com grande propriedade, *ações automáticas secundárias*, em oposição aos atos automáticos inatos. Estas ações automáticas secundárias, ou movimentos adquiridos, constituem o próprio fundo da nossa vida diária.

Assim, a locomoção, que em muitas espécies inferiores é um poder inato, deve no humano ser adquirido, e esta aquisição deve referir-se particularmente ao poder de coordenação que mantém o equilíbrio a cada passo pela combinação das impressões tácteis e visuais (1).

(1) Ribot. *Les maladies de la memire*, pp. 6 e segs.

De uma maneira geral pode dizer-se que as extremidades de um adulto e os seus órgãos sensoriais, não funcionam rapidamente senão graças a esta soma de movimentos adquiridos e coordenados que constituem, para cada parte do corpo, a sua memória especial, ou seja o capital acumulado sobre o qual vive e pelo qual trabalha; de idêntica maneira que o Espírito vive e age em virtude das experiências passadas.

À mesma ordem pertencem aqueles grupos de movimentos de carácter artificial que constituem a aprendizagem de uma profissão manual os jogos de destreza, os vários exercícios do corpo etc.

É fácil verificar por meio da observação, que a memória orgânica, ou seja, aquela de que nos servimos na dança, na natação, na equitação, no tocar instrumentos musicais etc., parece-se num todo à memória psicológica, exceto num ponto, que é a ausência de consciência.

“Quando uma criança aprende a escrever, diz Lewes, ela é incapaz de mover a mão sozinha, assim que move também a língua, os músculos do rosto e ainda do pé, mas com o tempo, aprende a eliminar os movimentos inúteis”. Quando tentamos realizar pela primeira vez um ato muscular, gastamos superfluamente uma quantidade de energias, mas gradualmente aprendemos a restringi-la, de modo que só gastamos a que se necessita. Através do exercício, os movimentos apropriados fixam-se, com a exclusão dos demais. Então, gravam-se no perispírito os movimentos secundários, que associando-se aos movimentos motores primitivos, se tornam cada vez mais estáveis, consoante a repetição mais ou menos frequente dos mesmos atos, e se estes se reiteram com muita frequência, chega-se a produzi-los de uma forma tão rápida, que o ato resulta inconsciente, pois nem sequer se emprega o mínimo exigível de intensidade e tempo para que o esforço seja percebido.

Sonambulismo natural ou provocado. – Das experiências realizadas por M. de Rochas aprendemos que as manobras magnéticas têm por objetivo desprender a alma e o perispírito do corpo; quer dizer, aumentar a soma de movimento do perispírito, ou seja, permitir-lhe readquirir uma parte do seu movimento vibratório natural, que é o que possui quando está completamente desprendido do corpo. É fácil compreender que todas as sensações percebidas durante este desprendimento, serão registradas pelo perispírito com um tónus vibratório diferente do da existência normal. Nestas condições constituir-se-á uma segunda memória com a sua mí-

nima de tempo e de duração, de nenhum modo semelhante à da vida ordinária; de modo que ao despertar a alma do sujeito, não poderá lembrar-se de quantos eventos psíquicos tenham ocorrido durante o seu estado sonambúlico.

Além disso, o desprendimento da alma está muito longe de ser sempre idêntico para o mesmo sujeito; existem muitos graus nesta exteriorização, e daí os sucessivos sonhos sonambúlicos denominados estados profundos da hipnose, os quais se encontram separados e caracterizados por memórias especiais. É evidente que a memória se torna mais extensa à medida que o movimento perispiritual aumenta, de modo que a última, conhece todas as outras. Quando o sujeito volta ao estado normal, tem lugar o fenômeno inverso, ou seja, uma limitação do campo da memória, o qual se vai estreitando por zonas sucessivas, que voltam a passar ao inconsciente, à medida que diminui a quantidade de movimento.

Portanto, para explicar os variados estados de consciência, não há necessidade de imaginar personalidades desconhecidas entre si, já que é sempre a mesma individualidade que se manifesta, uma vez que possui na sua potência máxima, todas as memórias fracionárias. As diferenças que se manifestam no caráter das pessoas sonâmbulas, são devidas às sensações, às ideias, aos juízos especiais de cada uma delas; mas são sempre construídas com o fundo comum da individualidade. Se me fosse permitido valer-me de um termo retirado da química, diria que as diferentes pessoas sonâmbulas, não são mais do que *estados isoméricos da individualidade*.

A Natureza fornece-nos exemplos de quanto acabamos de dizer, e os casos célebres da doente de Mac-Nisch, de Félida, da senhorita R. L. de Luis V., etc. são fenômenos espontâneos que as observações hipnóticas explicam perfeitamente.

Anotações:

Como eles não sabiam, e ainda não sabemos, as ‘conformações’ do Espírito, colocaram todos os ‘arquivos’ psíquicos no perispírito. Podemos não saber as formas, os meios, as condições etc. que existam no Espírito, mas ele é o ‘único’ ser ‘permanente’, portanto, nele é que devem estar todos os registros referentes às suas ‘vivências’, encarnado ou desencarnado. Nenhuma ‘ferramenta’ tem a qualidade de ‘memória’, por mais que automatizemos as rotinas... O perispírito é uma excepcional ferramenta ‘material’ que o Espírito utiliza em seu trânsito e ações sobre o mundo material. Necessitamos estudar, conhecer e entender o fluido cósmico universal – matriz de todas as formas ditas ‘materiais’, desde as, para nós encarnados, sensíveis e visíveis até as insensíveis e invisíveis.

VII - A EVOLUÇÃO ANÍMICA

Dispensai-me, Srs., se aparentemente me afastei do assunto que tenho a honra de vos apresentar, mas eu creio que convinha tratar com alguma extensão certas ideias, para conhecer com maior precisão o território em que nos colocamos.

Comprovamos que a alma se encontra indissoluvelmente unida a uma substancialidade que contém, sob a forma de movimentos, todas as aquisições da sua vida intelectual e todo o mecanismo automático da vida vegetativa e orgânica. Chegou, pois, o momento de nos perguntarmos, donde vem e como pôde adquirir as suas propriedades funcionais.

Os filósofos espiritualistas dos nossos dias ocuparam-se muito pouco da origem da alma, e ainda que lhes tenha interessado muito o seu futuro, o mesmo não aconteceu com relação ao seu passado. Parece que os dois problemas estão unidos e que são iguais em mistério.

Os teólogos puseram mais zelo em elaborar esta questão, que tem o seu fundamento na própria base em que descansa o Cristianismo, ou seja, na transmissão do pecado original.

As suas opiniões podem reduzir-se em duas principais. Assim, alguns admitem que Deus, manancial único e imediato das almas, cria em cada concepção uma alma especial para o corpo que se produz.

Outros pretendem que tanto as almas como os corpos, emanam do primeiro humano, e que se propagam da mesma maneira, isto é, por geração.

Esta opinião parece ser a da maioria. *Tertuliano, Jerônimo, Lutero, Malebranche e Leibniz*, reconhecem esta doutrina. A minha opinião não está conforme com ela, pois parece-me que a própria razão, rejeita a hipótese de que a alma possa ser gerada, e do mesmo parecer é o filósofo espiritualista e Cristão *Wollstone*, quem se expressa da seguinte maneira no seu *Esquisse de la religion naturelle* (Esboço da religião natural): “Dever-se-ia indicar claramente, diz ele, o que se entende por um humano que tem a faculdade de transmitir a alma, pois não é fácil compreender como o pensamento pode ser engendrado de forma idêntica aos galhos de uma árvore. Neste pressuposto, deveriam dizer-nos se a nova geração vem de um dos pais ou de ambos. Se é de um só qual é? Se é de ambos, viremos a concluir que um só ramo será sempre produzido por dois troncos diferentes, do qual desconhecemos que exista um exemplar na natureza, e além disso, achamos muito mais natural estabelecer esta hipótese, tratando-se de crianças e plantas, do que referindo-nos a seres

inteligentes, que são substâncias simples”. Se a alma não provém dos pais, é porque pré-existe ao nascimento, o que nos leva a uma conclusão obtida pelo exame das propriedades do perispírito; e se se admite que se pode encarnar uma vez, não se pode objetar logicamente que não se tenha realizado um número indeterminado de vezes. Se, por conseguinte, podemos encontrar na natureza uma hierarquia contínua entre os seres vivos, não há dificuldade em supor que tenha percorrido todos os degraus da escala de Jacob.

A complexidade do organismo humano, que reassume todas as formas inferiores, não deve iludir-nos no que respeita à sua origem. *Natura non facit saltus*, disse *Aristóteles*, e as modernas descobertas, deram-lhe razão. Nada aparece no estado completo, sem ter passado pelas fases transitórias, e o Espírito humano seguiu provavelmente o mesmo processo de desenvolvimento contínuo, o qual não se destina a dotar o ser de novas propriedades, mas simplesmente isolar, catalogar a que contém em potência.

Sob o ponto de vista fisiológico, a minha afirmação é corroborada pelas seguintes palavras de *Claudio Bernard* (1):

“Se considerarmos diz, um animal colocado no topo da escala, o humano, por exemplo, encontraremos que possui todos os movimentos que observamos em seres menos perfeitos do que ele. Assim, estará na posse de fibras musculares e de um sistema nervoso no seu completo desenvolvimento, mas ao mesmo tempo produzirá movimentos sarcódicos e terá pestanas vibráteis, que são os órgãos de certos movimentos íntimos e inconscientes. É, por conseguinte, permitido afirmar que o animal elevado, representa e reassume todos os que o precedem na escala das perfeições sucessivas. Mas no fundo não é na realidade mais elevado nem mais perfeito, pois não possui funções essenciais, residindo a diferença apenas em que estas funções no animal elevado, estão melhor isoladas e se manifestam como uma espécie de luxo”.

(1) *Bernard Les tissus vivants, (Os tecidos vivos), pp. 7, 22 e 102.*

E noutro lugar acrescenta:

“O animal inferior possui todas as qualidades essenciais que se encontram nos graus mais elevados da escala dos seres, mas essas ditas propriedades possuem-nas em estado confuso, e por assim dizer, em todas as partes do seu corpo. O animal mais elevado é simplesmente aquele no qual todas as funções estão isoladas da melhor maneira”.

“Desde o macaco até ao humano, diz o professor *Richet*, desde o cão ao pássaro, do pássaro ao réptil, ao peixe ao molusco, ao verme ao ser mais ínfimo colocado nos últimos limites do mundo orgânico e do mundo inanimado, não existe uma transição brusca. Só há uma degradação in-

sensível e, daí que todos os seres constituam uma cadeia de vida que parece interrompida em algumas espécies, porque ignoramos as formas extintas ou desaparecidas”.

Não só é impossível fazer do humano um ser à parte no reino animal, como esta impossibilidade existe também tratando-se de animais e plantas, por cujo motivo não se pode encontrar a profunda demarcação na qual antes se acreditava como artigo de fé. Desde logo, o senso comum discernirá ao primeiro golpe de vista, um carvalho, que é uma planta, de um cão, que é um animal; mas a partir do momento em que se trate de ir mais longe na análise, até alcançar os limites da vida e examinar os seres mais distantes de nós, como o cão ou o lagarto, então já não se observarão caracteres que sejam próprios do animal e que por conseguinte faltam à planta.

Em todos os seres vivos, o protoplasma é a base física da vida. Tudo o que é organizado é constituído pela primeira forma que reveste o protoplasma, ou seja, pela célula, e a agregação destas, engendra os tecidos das plantas e dos animais.

Todas as funções vitais são semelhantes, destruição e criação orgânica; digestão, respiração, sonho, sexualidade, ação dos anestésicos, tudo, em suma, demonstra a unidade fundamental dos organismos e das funções, apesar da diversidade aparente das formas. Do conjunto destes fatos, os quais abraçam todas as grandes e essenciais manifestações da vida, resulta claramente que não existem dois planos de vida, um característico dos animais, e outro dos vegetais, mas sim que há um plano único para ambos. A conclusão rigorosa e exata das observações da fisiologia geral é a unicidade da vida, tanto nos animais como nos vegetais.

Origem e filiação das espécies. - Uma das principais conquistas deste século tão rico em descobertas grandiosas, foi o estabelecimento da teoria da evolução, permitindo-nos regressar através do pensamento até ao passado distante que se perde na noite dos tempos. Sem tentar encerrarmos-nos numa hipótese exclusiva, devemos admitir que os trabalhos de *Lamarck*, de *Darwin*, de *Wallace*, de *Haeckel* e dos sábios contemporâneos, têm alterado profundamente as antigas ideias sobre as nossas origens. Nós não acreditamos nos milagres das espécies que aparecem na Terra subitamente, sem antecedentes. Das entranhas do globo, exumamos os arquivos primitivos da humanidade, e neles aprendemos que, qualquer que seja o modo utilizado pela natureza para diversificar as formas, é uma verdade que procedeu lentamente na sua seleção, e que foi gradualmente do simples ao composto, até chegar aos seres vivos que habitam hoje a Terra.

O meu objetivo não se dirige para discutir as objeções que foram levantadas contra esta teoria, bastando-me assinalar que, no passado, encontramos séries contínuas que nos permitem relacionarmos-nos com as manifestações primordiais da vida. Na época atual não é possível ver criações arbitrárias, sem nenhuma ligação com as que as precederam, pois *Pasteur* demonstrou que nenhum fato conhecido pode ser explicado pela geração espontânea.

Sabemos igualmente que a última conclusão das ciências naturais, é que todos os seres vivos derivam uns dos outros por reprodução. Por último os geólogos ensinam-nos que, durante os vários períodos geológicos, não têm ocorrido cataclismos gerais, mas que entre esses períodos houve uma continuidade absoluta. Da paleontologia inferimos que as espécies que atualmente habitam a Terra, não existiam noutras idades remotas. *Os fatos, diz Perrier (1)* “forçam a admitir que formas existentes na atualidade, embora diferentes das antigas, procedem destas por uma sucessão não interrompida de gerações; de modo que o transformismo fica demonstrado insensivelmente, e nem sequer pode discutir-se fora do domínio da ciência”.

Fisicamente, cada um de nós procede do protoplasma primitivo, e disso podemos convencer-nos remontando-nos à série ascendente dos nossos progenitores, em cuja filiação não existe a menor solução de continuidade.

(1) - *Revue Scientifique*, 27 de outubro de 1987.

Todas as manifestações da inteligência ativa ou latente, desde os primeiros reflexos primitivos até às mais elevadas modalidades de atividade psíquica, observa-se nos seres vivos com gradação crescente, e por transições sensíveis, desde o macaco até ao humano. A lógica obriga-nos a procurar no reino vegetal princípios da evolução anímica, pois a forma que adquirem e conservam as plantas durante toda a sua vida, implica a presença de um duplo perispiritual que preside às modificações e mantém a fixidez do tipo.

“A natureza, diz *Vulpian (2)* não estabeleceu uma linha de demarcação clara entre o reino vegetal e o animal. Os animais e os vegetais continuam-se por uma progressão insensível e com razão foram agrupados com o nome comum de reino orgânico”.

(2) *Vulpian*. - *Leçons sur la système nerveux* - (Lições sobre o sistema nervoso), pág. 39.

A assimilação do perispírito ao eletroímã de polos múltiplos cujas linhas de força desenhariam, não apenas a forma exterior do indivíduo, como também o conjunto de todos os sistemas orgânicos, parece ter passado desde o domínio da hipótese ao da observação científica.

No dia 12 de maio de 1898, *M. Stanoiewitch* apresentou à Academia das Ciências uma comunicação contendo vários desenhos retirados da natureza, em que se demonstra que os tecidos são formados em virtude de linhas de força claramente visíveis. Um deles reproduz o aspecto de um ramo de abeto com dois nós, que desempenham o mesmo papel e produzem as mesmas perturbações que um polo elétrico ou magnético introduzido num campo da mesma natureza. O outro demonstra que a diferenciação se produz seguindo as linhas de força, e um terceiro representa a seção de um ramo de carvalho alguns centímetros por cima de uma ramificação. Nesses desenhos pode ser visto, mesmo nos seus mínimos detalhes, o aspecto de um campo electromagnético, constituído por duas correntes retilíneas cruzadas de igual intensidade e dirigidas no mesmo sentido.

Estas observações parecem estabelecer a existência de um duplo fluídico vegetal, análogo ao que se observa no humano. Com efeito, existe algo nos seres vivos que não se explica pelas leis físicas, químicas ou mecânicas, e este algo a forma que afetam. E não só as leis naturais não explicam as formas dos indivíduos, como também todas as observações nos incitam a pensar que a força plástica que edifica o plano estrutural e o tipo funcional destes seres não pode residir no conjunto móvel, flutuante e em perpétua instabilidade que se denomina corpo físico.

Seja qual for o valor de estas observações sobre a origem do ser pensante, a série animal vai ensinar-nos o progresso contínuo de todas as manifestações anímicas.

Anotações:

Hoje nós estamos ‘aprendendo’ com o painel do DNA, mas ainda engatinhando... ‘Quem’ criou o DNA universal sabia, muito bem, o que estava fazendo... Um dia, na eternidade dos tempos, chegaremos lá!

VIII - PASSAGEM DO PRINCÍPIO INTELIGENTE PELA ESCALA ANIMAL

Entre a inúmera multiplicidade de organismos inferiores, o princípio a-nímico só existe no seu estado impessoal, difuso, pois o sistema nervoso ainda não está diferenciado; os seres são surdos, cegos, mudos, tal como ocorre nos Zoófitos, mas, desde o momento em que faz a sua aparição nos anelídeos, começam a especificar-se as propriedades comuns, e vemos produzirem-se as diferenciações pela formação dos órgãos sensoriais.

À medida que o sistema nervoso adquire mais importância, as manifestações instintivas que se achavam limitadas à aquisição dos alimentos, vão diversificando-se e apresentam uma colaboração sempre mais extensa. Eis aqui, segundo *Leuret*, de que modo é que se realiza esta progressão.

1º – Os animais que parecem estabelecer uma transição com a classe inferior, não manifestam mais dos instintos cegos destinados a procurar a alimentação (anelídeos; sanguessugas)

2º - Sensações mais separadas e numerosas, ardor extremo para a geração, voracidade, crueldade cega (crustáceos; caranguejos)

3º - Sensações ainda mais dilatadas, construção de um domicílio, voracidade, astúcia (aracnídeos; aranhas)

4º - Por último, sensações mais dilatadas, construção de um domicílio, vida de relacionamento, sociabilidade (insetos; formigas; abelhas).

Nos vertebrados, se tomarmos como base de desenvolvimento do sistema nervoso, e particularmente o cérebro, como critério da inteligência, ver-se-á, segundo *Leuret*, que o encéfalo, considerado como unidade, mantém com o peso do corpo a seguinte proporção:

1º Nos peixes..... de 1 a 5668

2º Nos répteis..... de 1 a 1321

3º Nas aves..... de 1 a 212

4º Nos mamíferos..... de 1 a 186

Existe, por conseguinte, progressão contínua do encéfalo ao passar de uma ramificação para a sua superior imediata, mas na condição de que as pesadas contenham a cada grupo considerado em bloco, e não a tal ou qual espécie considerada em separado. É um fato bem demonstrado que o progresso na série animal acontece, não em linha reta e sobre uma só linha, mas sim em linhas desiguais e paralelas.

Disse-se que o cérebro do humano era tão desenvolvido no que diz respeito ao peso do seu corpo, que sob este ponto, nenhum animal se lhe poderia comparar. Ainda que semelhante afirmação seja verdadeira, não obstante, esta diferença não é o suficiente para constituir um novo reino. O cérebro de um macaco, de um cão, de um gato, representa no seu conjunto, pouco mais ou menos, a disposição geral do cérebro humano. A anatomia comparada demonstrou perfeitamente a homologia das diferentes partes que o compõem. Sem entrar em detalhes, basta assinalar que o anatômico que estudou bem o cérebro de um macaco, conhecerá por este fato de um modo relativamente exato, a anatomia do cérebro do humano.

“As circunvoluções constituem no aparelho cerebral do ser humano, diz *Richet* (1), o elemento que adquiriu maior importância, e é, sobretudo por elas, pelo que o cérebro humano difere do cérebro dos outros vertebrados. No entanto, sobre o encéfalo do cão distingue-se o plano primitivo e como um esboço das circunvoluções profundas e complexas do humano adulto. Ao passar do animal ao humano o órgão aperfeiçoou-se, amplificou-se, diversificou-se, mas ficou o mesmo órgão”.

(1) *Ch. Richet. L'homme et l'intelligense.*

“Não nos surpreenderemos, pois, de descobrir nos vertebrados o delineamento do que será mais tarde a alma humana (A?). Certamente não se deve esperar que se encontre nos animais uma inteligência ou sentimentos comparáveis aos que se observam no humano, mas o que deve encontrar neles, é a evolução anímica. É verdade, é um germe de todas estas faculdades. E isto é precisamente o que confirma a experiência”.

As numerosas observações dedicadas ao estudo das faculdades animais (1), demonstram que, *sob o ponto de vista intelectual*, têm sido encontrados neles a atenção, o juízo, a memória, a imaginação, a abstração, o raciocínio, uma linguagem de ação e uma linguagem de voz.

(A?) ver em *Anotações ao fim deste capítulo.*

(1) veja-se. *Darwin, Origine des Espèces (Origem das espécies), Ch. VII; Romanes, (Romanos) L'evolution mentale chez les animaux, et l'Intelligence des animaux (A evolução mental nos animais, e a Inteligência dos animais).*

Os *sentimentos apaixonados* são confirmados pelo amor conjugal, o amor maternal, às vezes o amor do próximo, a simpatia, o ódio, o desejo de vingança, e a sensibilidade à zombaria. Os *sentimentos morais*, muito pouco desenvolvidos, podem às vezes observar-se através das manifestações do sentimento do justo e do injusto, e pelos remorsos. Por último, os *sentimentos sociais* comprovam-se nos que vivem em grupos, pois vê-se que se prestam mútuos serviços e dão provas de existir entre eles uma verdadeira fraternidade.

“Quando os animais lutam, diz o religioso Agassiz, quando se associam para um objetivo comum, quando se alertam uns aos outros de um peri-

go, quando vão em auxílio de alguém que está em perigo, quando demonstram alegria ou tristeza, então, executam movimentos da mesma natureza que aqueles que o humano produz e que são conhecidos como atributos morais. A gradação das faculdades morais nos animais superiores e no humano, é de tal maneira imperceptível, que para negar aos animais um certo sentido de responsabilidade e de consciência, precisamos de exagerar, para além da medida, a diferença que existe entre eles e o humano”. (2)

(2) *Agassiz, L'espece, (A espécie), pp. 97.*

Observações que parecem favoráveis à hipótese da evolução anímica. - A maravilhosa cadeia das formas naturais e as manifestações cada vez mais dilatadas da inteligência, à medida que o ser se eleva na hierarquia dos vivos, talvez não se considere como uma prova de que seja necessariamente um mesmo princípio individual o que evolui através de todos os organismos. Será necessário, portanto, estabelecer a probabilidade do trânsito da alma pela série animal, valendo-se duma prova orgânica incontestável.

Acho que uma destas provas pode encontrar-se no fato de que o embrião reproduz de uma maneira reduzida, toda a evolução da sua raça antepassada.

E uma vez que o perispírito é anterior e diferente do corpo, do qual é a ideia-matriz, acha-se obrigado a voltar a passar rapidamente no início da sua vida fetal pela série de organismos inferiores, e isto demonstra que o mecanismo se encontra no dito organismo fluídico. Semelhante mecanismo só poderia ter sido adquirido através das encarnações terrestres, excessivamente numerosas em cada um dos reinos inferiores...

Os estudos da fisiologia moderna apenas permitem pôr em dúvida, este fato capital. *Agassiz* formulou esta lei: que os peixes dos nossos dias atravessam desde o período embrionário até à idade adulta, por todas as fases que percorreram durante as épocas geológicas. O que é verdade para os peixes, é-o também para os outros vertebrados; e até mesmo para o humano. Todos fomos, no útero materno, em primeiro lugar célula e logo molusco, peixe, réptil, quadrúpede e, por último, chegamos à humanidade.

A natureza traçou em caracteres indeléveis, a história das nossas vidas anteriores, e nas suas páginas encontramos os caminhos que aquela seguiu para desenvolver os seres. Este trânsito, que é obrigatório para os organismos mais simples, demonstra as origens muito humildes do rei da criação.

Com base no critério exposto aqui, é preciso atribuir ao perispírito os caracteres que habitualmente se designam com o nome de herança especí-

fica, o qual, aliás, não é mais do que uma palavra para designar a reprodução do organismo dos progenitores nos descendentes. Seguindo a nossa hipótese, o único que deve transmitir-se são certos caracteres secundários característicos dos pais, os que modificariam mais ou menos o plano geral do indivíduo que vem a encarnar. A força vital do pai e da mãe seria o agente destas modificações, realizando uma ação eletiva sobre as partes homólogas do perispírito do feto. Mas esta ação não é tão poderosa que seja capaz de transformar o tipo fundamental, no qual subsistem todos os traços de um passado inesquecível, pois os vestígios de órgãos abortados e inúteis, são uma prova eloquente de que o perispírito conserva sempre a impressão das suas modificações passadas.

Geoffroy St. Hilaire fez notar que na baleia, cujos dentes foram substituídos por barbas córneas, os gérmenes dos dentes abortados se encontram ocultos no maxilar do feto. Este mesmo cientista encontrou o mesmo fenómeno em relação ao bico dos pássaros.

Os ruminantes têm um rolo caloso no sítio correspondente aos incisivos superiores, mas o germen dos dentes existe no feto, assim como nos lamantinos, os quais são desprovidos de incisivos em ambas as mandíbulas, pois nutrem-se unicamente de plantas maciças; não tiveram necessidade de fazer uso deles e, por isso, acabaram por desaparecer.

A presença no humano de órgãos atrofiados que já não devem ser-lhe úteis, prova que a uma organização está intimamente ligada à do reino animal, e que é a sua última e mais perfeita emanção.

Se o perispírito, antes de chegar à humanidade, não tivesse percorrido os organismos menos adiantados, não se encontraria em nós um *músculo* superficial denominado *cutâneo*, ou seja, aquele pelo que o cavalo faz vibrar a sua pele para afastar as moscas que o importunam.

O hábito de andar vestido, e nos selvagens o costume de endurecer o corpo com argila, inutilizaram o dito músculo, de tal maneira, que no humano é tão fino, que resulta incapaz de imprimir à pele o menor movimento. O mesmo ocorre com os músculos que movem a orelha do cavalo, do cão e de outros animais. Nós *possuímo-los*, mas não nos servem. O mesmo acontece com uma pequena prega que está localizada no ângulo interno do olho, que é um resquício da terceira pálpebra das aves de rapina, permitindo-lhes olhar fixamente o sol sem baixar os olhos.

O plantar, que segundo *Carlos Martins* (1) se assemelha a um fio de algodão unido a um grosso cabo de navio, não nos oferece qualquer utilidade, mas no gato, no tigre, na pantera etc., é tão grosso como os músculos que partem da panturrilha e se inserem no calcanhar, e daí que estes animais sejam capazes de executar saltos prodigiosos quando se lançam sobre a presa. O *caecum* não é mais do que a redução do dos herbívoros,

e não só é inútil, como ainda resulta prejudicial, pois se um corpo duro se introduz nele, pode determinar uma peritonite fatal.

(1) *Ch Martins, Introducción a la philosophie Zoológica de Lamarck. (Introdução à Filosofia Zoológica de Lamarck.)*

Todo o reino animal, vivo e fóssil, nos apresenta os mesmos fenômenos que o desenvolvimento embrionário do ser, que partindo da célula vai completando gradualmente a sua organização e se eleva até ao escalão ocupado pelos dois seres que lhe deram origem. Esta evolução manifesta-se igualmente na série dos animais, cujos restos foram preservados nas camadas geológicas. As mais antigas não contêm mais do que invertebrados e peixes; os répteis, os pássaros e os mamíferos, aparecem sucessivamente por ordem hierárquica, e, por último, o humano coroa aqui na Terra, esta série ascendente que se prolonga até às profundezas do infinito.

Reminiscência nos animais. - *Vianna de Lima*, expressa-se assim (2):

(2) *Vianna de Lima - Exposé Sommaire des théories transformistes, (Exposição das teorias transformistas), pág. 72.*

“A invencível repugnância, o horror instintivo, inconsciente que ainda nos inspiram alguns animais inofensivos, cujo aspecto nos deveria deixar quanto muito indiferentes, não pode ser explicado, em certos casos, mais do que por herança ou memória orgânica”.

Esta aquisição procede de nossos antepassados, que muitas vezes sofreram por causa desses animais. Eis aqui um exemplo muito instrutivo, testado várias vezes por alguns observadores.

“Se numa quadra se coloca aos pés dos cavalos a palha que serviu na caixa dos leões ou tigres, os cavalos experimentarão um terror louco, e tentarão fugir, logo que tenham sentido o cheiro da palha”. *Laycock* disse que “muitas gerações de cavalos domésticos terão derivado do cavalo selvagem, que devemos considerar antepassado do cavalo doméstico, e que este terror que mencionamos pode ser explicado pelos ataques de que terão sido objeto por parte dos representantes da raça felina. No entanto, os cavalos que durante muitas gerações nasceram nas nossas quadras, e que não podem ter qualquer experiência do perigo, ainda reconhecem o horror dos terríveis inimigos de seus ascendentes remotos”.

Pode ver-se assim a facilidade com que os estudiosos atribuem à matéria o que depende totalmente do Espírito, isto é, a faculdade da memória.

De modo nenhum pode ser a matéria destes cavalos a que experimenta essa terrível impressão, já que a partir das épocas remotas, quando o cavalo vivia em liberdade selvagem, a matéria do corpo físico dos progenitores, foi completamente renovada milhões de vezes. As moléculas extraídas da alimentação, do feno, dos grãos etc. que compõem a atual

forma do cavalo, não conhecem nem o leão nem o tigre, porque carecem de consciência.

Como se pode explicar o medo destes animais?

Se partirmos do princípio de que no animal existe um princípio intelectual, que este princípio intelectual é individualizado pelo perispírito no qual se armazenam os instintos e as sensações e que a memória surge do despertar de instintos e sensações, então tudo se torna claro e compreensível.

As mesmas causas produzem iguais efeitos.

Os animais domésticos são os seres que já viviam antes em estado selvagem, e o cheiro das feras desperta no seu envoltório fluídico recordações especiais que se relacionam com o sofrimento e a morte, daí o terror.

A *Revue Scientifique*, de 28 de agosto de 1897, cita um fato interessante de ressurreição de instintos adormecidos durante uma longa série de gerações. - Trata-se dos pássaros *bengalinos* do Japão.

Desde há alguns séculos estes elegantes pássaros são objeto de cuidados especiais neste país.

Reproduzem-se em pequenas caixas, nas quais só constroem um ninho muito rude. Este ano ocorreu ao *Sr. Butler*, deitar um punhado de gramíneas floridas a um bando de *bengalinos*, e imediatamente estes se precipitaram sobre os caules, transportando-os um a um para um silvado, onde construíram apressadamente um ninho muito bem feito, com abóbada superior e orifício lateral, ou seja, o ninho típico dos seus antepassados em estado de liberdade. “Como explicar este fato? – pergunta o *Sr. Butler*. Não podendo ser explicado pela imitação da recordação, é preciso que os *bengalinos* tenham atuado por instinto hereditário”.

Eu creio que estes *bengalinos* conservaram no seu envoltório periespiritual o instinto de nidificação e que este se manifestou ao apresentar-se uma ocasião propícia. Se a alma animal não existisse, se não se encarnasse um grande número de vezes na mesma forma, seria de todo inexplicável que as moléculas materiais que compõem um *bengalino*, fossem capazes de construir um ninho em tudo semelhante ao dos seus antepassados. Dizer que isto se faz por herança, é não dizer nada, pois seria necessário supor que esse instinto se transmitiu em estado latente de geração em geração, por meio de algo imaterial que se perpetua nos seres apesar da sua incessante renovação. A lógica, pois, autoriza-nos a admitir que é o perispírito quem contém os instintos, e não a substância instável do organismo. Decidi-me a dar os dois exemplos acima, mas ser-me-ia fácil multiplicá-los.

O perispírito animal. - Seria interessante provar experimentalmente a existência de uma substancialidade da alma animal, seja durante a vida pelos desdobramentos, seja pela conservação da forma depois da morte. Por mais que esta questão tenha sido ainda pouco estudada, é possível reunir alguns fatos que parecem confirmar semelhante ponto de vista.

Dassier no seu livro *L'humetnité Posthume*, traz uma citação de *M. Mirville* (pág. 86), que se refere a um pastor cujo duplo atormentava o *Senhor Milange*, filho de um conselheiro do parlamento. Esse pastor ia acompanhado pelos fantasmas dos seus grandes cães pretos, e confessou que era o autor das maldades atribuídas a *M. Milange*, demonstrando que estas visões, ainda que não fossem vistas por outras pessoas, eram, contudo, reais.

Les phanstams of the living (Os fantasmas da vida), vol. II, pág. 97, cita a visão do fantasma de um cavalo, de um coche e das pessoas que nele iam sentadas. O cavalo e a carruagem foram perfeitamente reconhecidos até ao ponto em que os três observadores os viram passar junto à casa, e uma vez lá, se ouviram alguns golpes vindos da porta. Os habitantes da casa olharam e não viram ninguém. Cinco minutos depois, uma jovem, filha dos que conduziam o carro, lamentava-se com os seus tios, porque os seus pais tinham passado com o cabriolé, junto dela, e não lhe haviam dito nada.

Passados dez minutos chegaram de improviso as pessoas de quem se falava, mas que vinham diretamente da sua casa.

Este caso não pode ser considerar-se como telepático, dado que a jovem não estava, junto com os observadores, e a sua visão foi independente da deles.

M. Dassier, cita um agricultor que a uma hora muito adiantada da noite, e ao entrar na sua casa, viu um cavalo num campo de aveia. Ao dar-se conta de um hóspede tão incômodo, tratou de defender-se das suas inconveniências. “O agricultor aproximou-se do animal e levou-o sem resistência, mas ao chegar à porta da quadra, e no momento preciso em que se preparava para abri-la, desapareceu das suas mãos o cavalo, como uma sombra que se desvanece. Olhou à sua volta, e nada percebeu. Muito espantado, entrou apressadamente em sua casa e acordou o seu irmão para contar-lhe a aventura. No dia seguinte, os dois dirigiram-se ao campo para saber se um ser tão extraordinário havia causado muitos estragos e encontraram a colheita intacta. O animal misterioso parecia uma aveia imaginária”. A noite era bastante clara, de modo que o agricultor tinha podido ver distintamente as árvores e as terras a muitos metros do caminho.

Eis aqui outro exemplo citado por *M. Dessier*, que ouviu relatá-lo ao próprio interessado. “Encontrando-me uma tarde de guarda (o narrador é um aduaneiro), com um dos meus colegas, apercebemo-nos de que não muito longe do lugar onde eu estava passava à nossa frente uma mula, aparentemente carregada. Supondo que levava contrabando, e que o seu condutor tinha fugido ao ver-nos, fomos em sua perseguição. A mula deitou-se numa pradaria, e depois de dar várias voltas para conseguir fugir, entrou na aldeia. Então separei-me do meu colega, pois, enquanto ele continuou na sua perseguição, eu segui um caminho transversal para atalhar o passo à mula. Vendo-se esta perseguida com tanto afinco, precipitou *a corrida, e ao ruído do seu trote, que ressoava sobre a calçada, muitos vizinhos despertaram*. Eu cheguei antes do animal a um ponto da estrada por onde devia passar, e no instante em que a vi junto de mim, estendi a mão para pegar-lhe no arreio, mas ela desapareceu como uma sombra, deixando-nos estupefatos a mim e ao meu colega”.

O sítio onde semelhante cena ocorreu, uma rua sem saída, da qual a mula não poderia ter saído sem passar junto ao corpo do aduaneiro.

A objetividade desta forma encontra-se demonstrada pelo barulho feito pela mula ao correr sobre a calçada, pois os habitantes da aldeia, no dia seguinte, falavam acerca do ruído que tinham ouvido à meia-noite.

Nos casos que se acabam de relatar, ignora-se se o fantasma é de um animal vivo ou morto.

Outro fato muito instrutivo é o que refere *Monsieur Dassier* a propósito do tema que estamos expondo. O dito Sr. Encontrava-se como concorrente numa sessão de magnetismo. A metade da sessão, pouco mais ou menos, outra das pessoas que a ela assistiam viu uma aranha no chão, e esmagou-a com o pé. “Este é o Espírito de uma aranha, gritou, no mesmo instante a sonâmbula”.

Qual é a forma deste Espírito? - perguntou o magnetizador.

- Tem a forma da aranha respondeu a sonâmbula.

A Revista Espírita de 1894 cita o caso de um cão que foi descrito com precisão por um vidente, cujo dono, o conde de *Luvoff*, recordava a sua fidelidade.

Diante destas recordações de amizade, o animal agitava-se com satisfação, brincava como se se sentisse feliz por receber os testemunhos de simpatia tributados pelo seu antigo dono.

Na mesma Revista correspondente ao número de Maio de 1865, lê-se que três pessoas, duas das quais estavam deitadas em diferentes pisos na mesma casa, ouviram os gemidos de uma pequena cadela que tinha morrido havia poucos dias.

Uma curiosa experiência do *Dr. Baraduc* (1) parece estabelecer objetivamente a teoria do fantasma animal. Encontrando-se o dito no campo durante o mês de Julho de 1895, tirou várias fotografias de um guardacoto no momento de dar de comer ovos de formiga a duzentas ou trezentas pequenas perdizes. As fotos mostram que estas aves estavam recobertas por uma parte preta da prova, formando uma massa de picos em plena atividade, enquanto que uma grande quantidade de pequenas almas animais, representadas por manchas brancas, se desprendiam dos ovos ou das formigas. Semelhante emanção procede do guarda ou das perdizes? “Tirei duas fotos - diz o Dr. – enquanto o guarda lançava punhadas de pó e ovos. Ambas são idênticas. Então tirei mais duas fotos no instante em que ele lhes dava ovos de frango cozido e misturados com migalhas de pão. Nestas não se observa nada de especial, sendo a imagem muito clara, devendo afirmar que, apesar duma tal diferença, as quatro fotos foram obtidos com o mesmo banho de iconógeno e hipossulfito e no intervalo de um quarto de hora. O motivo pelo qual não se veem as projeções vivas dos ovos de formiga nas duas últimas fotos, é precisamente uma confirmação de que as impressões registradas sobre as duas primeiras chapas, provêm das formigas, no momento de abandonarem a sua vitalidade”.

(1) *Dr. Baraduc. L'ame humaine ses mouvements, ses lumières. (A alma humana seus movimentos, suas luzes) - Explicação XXXIV clichê XXXIV.*

Le Borderland de Julho de 1897 contém uma fotografia Espírita enviada pelo *Sr. Wode Cuningham*, na qual se vê um Espírito fotografado e, ao mesmo tempo, a imagem de uma bela cabeça de cão.

Esperamos que as futuras investigações se realizem neste sentido, a fim de que as hipóteses acerca da origem da alma possam sair da incerteza em que ainda se encontram.

Anotações:

(?) Kardec já abordava os usos irregulares da palavra ‘alma’ e, aqui aparece um desses usos. O irmão autor se utiliza de informes colhidos por vários cientistas do mundo ‘material’. O desconhecimento, consciente ou inconsciente, de forças e energias ‘diferentes’, sempre os leva a tudo considerar pelos padrões materiais. O princípio vital - fluido vital -, sendo o vivificador do mundo material, é um desses ‘desconhecidos’ da ciência humana. Os ‘instintos’ estão ligados ao princípio vital, não ao perispírito! O princípio vital, sendo vida material, está controlando a ‘sobrevivência’ dessa vida material e, conseqüentemente a todas as necessidades de sua continuidade... Tudo que denominamos de orgânico, vivente, está controlado pelo princípio vital. No humano esse controle vital é denominado de ‘instintos’, e a vida é dupla: material e espiritual. A ‘inteligência’ pertence ao Espírito, os ‘instintos’ ao corpo material.

IX - A REENCARNAÇÃO HUMANA

Recordações de vidas passadas. - Se a alma habitou a Terra antes do nascimento corporal, porque não existe em cada um de nós a recordação das vidas anteriores? A resposta é muito simples, e é, porque as condições que presidem à renovação da recordação, não se preenchem devidamente.

Não é necessário construir hipóteses para tornar evidente este argumento, pois basta atender simplesmente ao que ocorre na vida normal. Assim é de observação corrente, que os sonhos em geral não deixam recordação ao despertar e que muitos períodos da nossa existência atual se apagam também da consciência, que resulta impossível fazê-los reviver por meio da vontade. No entanto, estas recordações não se perderam e pode-se encontrá-las na íntegra no sono sonambúlico, quando se restabelece o perispírito nas mesmas condições dinâmicas que possuía quando teve lugar a percepção.

M. Pitre e a sua escola, os Drs. *Bourru y Burot y M. Paul Janet* colocaram este fato fora de qualquer discussão e não existe magnetizador que ignore que um dos caracteres mais constantes do sonambulismo é o esquecimento ao despertar. Colocado de novo sob o sujeito no segundo estado recobra o conhecimento de quanto disse e fez durante os demais sonhos magnéticos. Existem, portanto, séries de memórias que coexistem no mesmo sujeito e que se ignoram completa e absolutamente.

Nestas condições, é fácil de compreender que se é exata a hipótese das vidas sucessivas, é-o também o fato de geralmente ser impossível de recordar os acontecimentos de uma vida anterior, pois o movimento vibratório do envoltório perispiritual unido à matéria e que é próprio desta encarnação, difere significativamente do que possuía numa vida anterior, não se conseguindo a renovação de recordações, porque falta o mínimo de intensidade e de duração características das vibrações daquela época.

Esta imensa reserva de matéria psíquica constituirá a base da nossa individualidade intelectual e moral, e formará a trama da inteligência, mais ou menos rica, sobre a qual borda cada vida novos arabescos. Mas todas estas aquisições não podem manifestar-se de outra forma, que por meio das tendências primitivas que cada um traz ao nascer e que se denominam o caráter. A partir de então, deve existir a mais perfeita inconsciência, e isto é precisamente o que acontece. Mas esta regra tem alguma exceção, pois do mesmo modo que em certos sujeitos se conservou a recordação ao despertar, assim também podem encontrar-se indivíduos

que se lembrem de ter vivido. Em alguns, este despertar de antigas sensações ocorre de forma natural.

Apesar do meu desejo em ser o mais sucinto possível, não posso deixar de falar dos casos relativamente numerosos que chegaram ao meu conhecimento e que parecem apoiar de um modo firme a teoria da reencarnação. Semelhante crença é uma evolução contínua do princípio inteligente, tem sido (com ligeiras variantes) a crença dos povos da Índia, dos sacerdotes egípcios, dos druidas (1) e de uma parte dos filósofos gregos. *Pitágoras*, desafiando a ironia dos seus contemporâneos tinha o costume de dizer publicamente (2) que se recordava de ter sido *Hermotimo*, *Euforbio* e um Argonauta.

(1) *Alejandro Polyhist.* - Fragmento. 138 na *recueil des fragments des historiens grecs (recolha dos fragmentos dos historiadores gregos)*, Ed. Didot. 1849. *Cesar. Commentaires de la guerre des Gaules (Comentários da Guerra dos Gauleses)*, L. VI, Cap. XIX. Ed. Le Maire, 1819. *Strabon. Geographie, Libr. IV, parág. 4.* *Diodoro de Sicília, Bibliothèque Historique, Lib. V, chap. XXVIII.* *San Clemente de Alexandria, Strom, Lib. I. Cap. XV.*

(2) *Heródoto, Histoire (História), Lib. II, chap. CXXIII.* *Diogenes Laërce, Vie de Pythagore (Vida de Pythagore, parágrafos 4 e 23).*

Juliano o Apóstata recordava-se de ter sido *Alejandro de Macedônia*. *Empédocles* (3) afirma “que se recordava de ter sido varão e fêmea”. Mas, como nada sabemos referente às circunstâncias que puderam determinar estas afirmações, passaremos aos escritores dos nossos dias que relatam fatos da mesma ordem.

(3) *Fragments, vers. 11 e 12.* *Diógene Luërce Vié d'Empédocte. Parágrafos 9 e 12.*

Entre os modernos, o grande poeta *Lamartine* afirma, na sua *Voyage au Orient (Viagem ao Oriente)* ter tido reminiscências muito claras. Aqui está sua declaração. “Eu não tinha na Judéia nem Bíblia, nem guia algum para me dar o nome dos locais e o antigo nome dos vales e montanhas e, no entanto, *reconheci imediatamente* o vale de Terebinto e o campo de batalha de Saul. Ao chegar ao convento os padres confirmaram *a exatidão das minhas previsões*, encontrando-se os meus companheiros tão assombrados que não podiam acreditar.

Do mesmo modo em *Séfora* tinha designado com o dedo e indicado com o seu próprio nome a uma colina coroada pelo meu castelo arruinado, citando-a como o local provável do nascimento da Virgem. No dia seguinte *reconheci* ao pé de uma montanha árida, o túmulo dos Macabeus. Com exceção dos vales do Líbano etc, apenas encontrei na Judéia *um lugar, ou uma coisa que não foi para mim uma lembrança*. Já vivemos uma vez ou duas mil? A nossa memória não é mais do que uma imagem escura que o sopro de Deus reanima?

Estas reminiscências não podem ser devidas ao despertar de recordações procedentes de leituras, pois a Bíblia, não faz a descrição exata das paisagens em que ocorrem as cenas históricas, encontrando-se simplesmen-

te nela o relato dos acontecimentos. Podem atribuir-se estas intuições tão exatas e precisas a uma clarividência manifestada durante o sonho?

Não há provas de que *Lamartine* fosse sonâmbulo, mas, mesmo admitindo esta hipótese, como tinha conseguido saber os nomes exatos daqueles sítios? Se foram os Espíritos que lhos indicaram, porque se recorda das paisagens e não das suas instruções invisíveis?

Nós cremos que não se deve fazer intervir os Espíritos, enquanto a sua presença não fique demonstrada.

O Conde de *Résie* na sua *Histoire des sciences occultes*, (*História das ciências Ocultas*) tomo II, pág. 292, afirma: “Temos sido surpreendidos numerosas vezes ao contemplar algum lugar em várias partes do mundo, cujo local nos despertava no momento uma recordação, uma coisa que não nos era desconhecida, apesar de vê-la pela primeira vez”.

No jornal *La Presse* do dia 20 de setembro de 1868, o novelista popular *Ponson du Terrail*, inimigo do Espiritismo, escrevia que se recordava de ter vivido no tempo de *Enrique III* e *Enrique IV*, e que as lembranças que tem do grande rei, em nada se assemelham com o que dele referiam os seus parentes. Poderia citar igualmente a *Teófilo Gautiery*, *Alexandre Dumas*, os quais têm afirmado, em diferentes ocasiões, a sua crença nas vidas passadas, baseadas em recordações íntimas (1); mas prefiro consignar os relatos que em si mesmos levam a prova da sua autenticidade.

(1) Ver *Le Spiritisme à Lyon* n.º 40. *Les pionniers de la lumière* (Os pioneiros da luz. O mesmo jornal, no número 72, cita um artigo da *Gazeta de Paris* de 19 de Abril de 1872, contendo uma conversação entre *Alexandre Dumas* e *Méry*, em que ambos afirmam ter vivido muitas vezes.

Num artigo biográfico sobre *Méry*, publicado no *Journal Littéraire* de 25 de Setembro de 1864, o autor afirma que aquele escritor cria firmemente ter vivido muitas vezes; que se recordava das menores circunstâncias das suas existências anteriores, e que as detalhava com uma força de certeza que se a impunha a convicção. “Assim (dizia o biógrafo), afirma ter lutado na guerra dos Gauleses, e ter combatido na Alemanha, com os alemães”.

Afirmava reconhecer certos sítios nos quais tinha combatido noutras ocasiões. Nessa dita época chamava-se *Minins*.

Continuamos citando um episódio, pelo o que parece deduzir-se que estas recordações não são produto da imaginação. Aqui está textualmente o fato:

“Um dia da sua vida presente encontrava-se em Roma visitando a biblioteca do Vaticano. Receberam-no uns jovens noviços vestindo terno escuro e que puseram grande empenho em falar-lhe no mais puro latim. *Méry* era bom latinista em tudo quanto se referia à teoria e às palavras escritas, mas não tinha feito qualquer ensaio para falar familiarmente a língua de *Juvenal*. Ao ouvir falar os Romanos de hoje em dia, e ao admi-

rar este magnífico idioma que também harmoniza com os monumentos e os costumes da época que estava em uso, pareceu-lhe que um véu se desprendia dos seus olhos, e que noutro tempo tinha conversado com amigos que se serviam desta linguagem divina. No momento saíram dos seus lábios frases irrepreensíveis cheias de elegância e correção, e falou o latim com a mesma facilidade que o francês. Tudo isto não poderia ser feito sem aprendizagem, e se não tivesse sido um mortal do tempo de *Augusto*, se não tivesse atravessado este século de esplendores, não teria improvisado uma ciência impossível de adquirir nalgumas horas”.

O autor tem razão. Interessa distinguir cuidadosamente este fato do que ocorre em alguns casos de sonambulismo e enfermidade, e que se denomina hiperestesia da memória. Nestes estados especiais, o sujeito repete, por vezes, demorados enunciados ouvidos no teatro ou lidos numa época distante, os quais estavam profundamente esquecidos no estado normal. Mas sustentar uma conversação com grande facilidade num idioma difícil e achando-se em plena posse de todas as faculdades, supõe para a pronúncia e tradução das ideias, o funcionamento de um mecanismo que desde há muito tempo está inativo, mas que se desperta no momento preciso sob o estímulo dos seus esforços.

Não se improvisa uma linguagem quando só se conhecem as palavras e as regras gramaticais, já que ainda que reunindo ambas as condições, fica a parte mais difícil, ou seja, a da enunciação das ideias, a qual depende dos músculos da laringe e das localizações cerebrais, sendo preciso um longo hábito para obtê-la. Se a esta ressurreição mnemônica se juntam as recordações precisas dos lugares antes habitados e, desta vez reconhecidos, existirão grandes presunções para poder admitir as vidas múltiplas como a explicação mais lógica destes fenômenos.

Continuarei na exposição de alguns casos tomados da coleção da *Revista Espírita*.

O catedrático *Damiani*, Espírita da primeira hora, dirigiu ao editor de *Banner of Light*, de Boston, em 1 de Novembro de 1878, uma carta em resposta a alguma controvérsia relativa a propósito da reencarnação, de cujo documento extrairei o seguinte parágrafo:

“Seja-me permitido dizê-lo porque penso não ter sido enganado nas minhas visões espirituais. Antes de ser reencarnacionista, e quando era tão opositor a estas teorias, diferentes médiuns desconhecidos entre si, falaram-me das minhas reencarnações. Muito me ri naquela época, pois classificava de novelas revelações. Mas alguns anos depois, quando me encontrei na posse da visão espiritual, quando me vi no meio das famílias das minhas existências passadas, revestido dos costumes dos tempos e povos que outros videntes me haviam descrito, compreendo que é ne-

cessário ser testemunha de semelhantes prodígios para nos convencer-mos”.

Esta declaração parece-me bastante demonstrativa, pois emana de um observador incrédulo que não se tornou crente até depois de ter comprovado pessoalmente os fatos. Que causa poderia dar lugar às concordantes afirmações de médiuns desconhecidos entre si? Se as vidas anteriores deixam traços em nós, há de ser possível que alguns indivíduos possam ler certas inscrições hieroglíficas, certas ruínas veneráveis escritas numa linguagem que só a faculdade psicométrica permite decifrar.

As descrições dos videntes devem ser semelhantes, sempre que se apoiem em documentos positivos; daí provavelmente essa unanimidade que o catedrático *Damiani* observa tanto nos outros como consigo mesmo.

A *Revue Spirite* de 1860 (pág. 260), contém a carta de um oficial de marinha que se lembra de ter vivido, e também recorda que morreu assassinado na noite de São Bartolomeu.

As circunstâncias desta existência gravaram-se profundamente no seu ser e demonstra no relato dos fatos que estas reminiscências não são devidas a um capricho do seu Espírito. “Digo-vos (escreve), que tinha sete anos quando sonhava que fugia e recebi em plenas costas três punhaladas; digo-vos que a saudação que se faz com as armas antes de bater-se, fi-lo a primeira vez que tive um florete na mão; digo-vos que cada preliminar mais ou menos gracioso que a educação ou a civilização introduziram na arte de matar-se, era-me já conhecido antes de me ter iniciado no manejo das armas etc”. Esta ciência instintiva anterior a toda a educação, deve ter sido adquirida em alguma parte.

Onde é que se adquiriu, se não se viveu mais do que uma vez?

M. Lagrange, numa carta dirigida à *Revue* (1) diz que em Vera Cruz existe uma criança de sete anos chamado *Julio Alfonso*, a quem conhece, o qual cura por meio da imposição de mãos, ou com o auxílio de medicamentos vegetais que prescreve.

Quando se lhe pergunta onde adquiriu estes conhecimentos, responde *que quando era crescido foi médico*.

(1) *Revue Spirite (Revista Espírita)* 1, 1880, pág. 361.

Esta faculdade extraordinária declarou-se-lhe com a idade de quatro anos, tendo convencido com ela muitos cétricos. Talvez se diga que esta criança é simplesmente um médium; de fato, ouve os Espíritos, mas sabe distinguir perfeitamente o que se revela daquilo que tira do seu próprio fundo, e a certeza que tem de ter sido médico na sua vida anterior, é puramente inata.

M. Bouvier y (1) cita com o *Lotus Bleu* o caso de *M. Isaac G. Joster* que teve uma filha chamada *Maria*, a qual morreu em Ill, Condado de Effingham.

(1) *Le Spiritisme et l'Anarchie*, pág. 140.

Alguns anos depois teve uma segunda filha que nasceu em Dakota, cidade onde passou a viver depois da morte de *Maria*. A esta segunda menina, pôs-se-lhe o nome de *Nellie*, mas ela persistia obstinadamente em chamar-se *Maria*, dizendo que era o verdadeiro nome pelo qual a chamavam antigamente.

“Numa viagem que realizou na companhia do seu pai, reconheceu a antiga casa e muitas pessoas que nunca tinha visto, mas que a primeira garota conhecia muito bem. A um quarto de hora da nossa antiga morada (diz *M. Josten*) encontra-se a escola que *Maria* frequentava; *Nellie*, que nunca a tinha visto, fez daquele local uma exata descrição, e expressou-me o desejo de voltar a vê-lo. Conduzia-a ali, e uma vez na sala de estudo, foi diretamente para a secretária que tinha ocupado a sua irmã, dizendo: “Este é o meu”. Dir-se-ia que falava um morto saído do túmulo”. Esta é a expressão exata, pois mesmo imaginando que a garota em estado de sonambulismo tivesse visto o país, ninguém poderia indicar-lhe as pessoas que *Maria* conhecia, e sem embargo *Nellie*, não se equivocava, designando-as exatamente.

Poderia prolongar esta lista, mas como me falta tempo para discutir convenientemente, prefiro passar a outra série de documentos, também referentes ao regresso da alma aqui na Terra.

Reencarnação anunciada antecipadamente. - Citarei os seguintes dois fatos de *M. Bouvier*, excelente magnetizador e diretor do periódico *La Paix Universelle*, (A Paz Universal) que se publica em Lyon.

Um sujeito que tinha o hábito de adormecer, e que colocado em sonambulismo gozava da faculdade de ver os Espíritos, disse-lhe um dia com a maior espontaneidade, que a alma de uma religiosa queria falar-lhe. *M. Bouvier* perguntou-lhe quem era e o que desejava. A freira deu o seu nome, indicou o convento em que vivia, localizado em Rouen, e disse que retornaria após a sua morte, que teria lugar em breve. Tanto o sujeito como *M. Bouvier* ignoravam totalmente a existência desta instituição religiosa, nem nunca tinham ouvido falar dela.

Algum tempo depois voltou a apresentar-se a mesma religiosa dizendo que já havia deixado o seu corpo terreno, que voltaria a encarnar-se como irmã do sujeito e que não viveria mais de três meses. Todos estes anúncios se realizaram com a maior pontualidade.

Um segundo caso de encarnação foi predito a *M. Bouvier*, com os detalhes de que o Espírito iria incorporar-se sob a forma feminina numa fa-

mília muito conhecida do diretor de *La Paix Universelle*, duvidando-se muito entre a família de que um novo ser viesse a engrossar o núcleo, e sentindo, por outro lado poucos desejos de que se confirmasse a previsão. O Espírito disse que seria infeliz, porque não seria amado; e, na verdade, tudo se realizou, infelizmente, nas condições anunciadas.

A clarividência magnética do sujeito do senhor *Bouvier* não pode dar conta do aparecimento daquela religiosa a quem jamais conheceu na Terra, pois o exercício desta faculdade tem sempre a sua razão de ser entre as pessoas unidas por algum vínculo com o sujeito.

Se é possível admitir que a irmã do sujeito seja a causa indireta da previsão, é inexplicável a intervenção da religiosa, apenas para indicar a intenção de voltar a encarnar.

No segundo exemplo, não existe qualquer ligação entre o sonâmbulo e os pais do menino, podendo-se assegurar que o autor do fenômeno foi o Espírito que se reencarnou, pois o sujeito não era Espírita, e, portanto, não poderia autossugestionar-se no que se refere a este ponto, nem tão pouco poderia receber a sugestão de *M. Bouvier*, que estava muito longe de esperar semelhantes manifestações.

O príncipe *Emilio de W.*, datada de 18 de dezembro de 1874, escreveu à *Revue Spirite*, desde Vevey, na Suíça, mostrando um caso relativamente interessante relativo à reencarnação. Tratava-se do seu segundo filho, que tinha três anos de idade.

Algum tempo antes do seu nascimento tinham anunciado os Espíritos que o dito menino tinha grandes qualidades medianímicas, pois na sua última existência, que se desenrolou na Inglaterra, ocupou-se do desenvolvimento destes poderes, dedicando-se às práticas da magia e da astrologia, fazendo delas mau uso, tendo por isso perecido miseravelmente. “Há algumas semanas (escreve o príncipe), encontrava-se o menino brincando no meu escritório, quando de repente o ouvi falar da Inglaterra, causando-me isto muita estranheza, pois jamais lhe tinha falado desse país. Perguntei-lhe se sabia o que era Inglaterra. Oh! sim, é um país em que estive muito tempo (respondeu-me). E eras pequeno, como agora? Não, era mais velho que tu, e usava uma grande barba. A tua mamã e eu, estávamos contigo? Não, pois eu tinha um outro papá e outra mamã. E o que fazias tu? Brincava muito com o fogo, e uma vez queimei-me tanto que morri”.

Poderia atribuir-se este ingênuo relato a uma transmissão inconsciente do pensamento do pai; mas as respostas da criança parecem que emanam da sua própria inteligência, despertando subitamente para desaparecer em seguida, como ocorre em circunstâncias semelhantes.

Com o fim de apoiar a teoria da reencarnação por meio de provas sólidas, os jornais Espíritas franceses abriram uma informação sobre os fenômenos que se relacionam com esta ordem de ideias.

A partir do primeiro dia de janeiro deste ano, vão chegando maior número de testemunhos do que era de esperar.

Na *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme* correspondente ao mês de abril, reproduzi uma informação publicada em Lyon, e segundo a qual um médium predisse o nascimento de uma menina que devia apresentar uma cicatriz na sua testa, como um resultado das circunstâncias relacionadas com vidas passadas. Esta previsão foi confirmada em todas as suas partes.

O *Progres Spirite* nos seus números de 5 de fevereiro e 20 de março de 1898, cita três testemunhos que ocupariam demasiado lugar para ser reproduzidos na íntegra, mas que demonstram que os Espíritos regressam aqui à Terra. Não são sonâmbulos os que intervieram nestes casos, mas sim médiuns tiptológicos ou escreventes; de modo que a clarividência não se pode fazer intervir na explicação, a menos que se atribua aos Espíritos desencarnados. Mas então existe uma dificuldade que é a de supor que estes seres invisíveis podem enganar-nos para sustentar deliberadamente um erro. Mas esta conjectura, creio-a pouco razoável quando se dirige a Espíritos que em diferentes circunstâncias deram provas das suas elevadas qualidades morais, preferindo eu admitir o que é anunciado e se realiza, a acreditar num subterfúgio universal e inverossímil.

Vou tratar de um gênero de prova que poderá ser muito discutida, mas que razoavelmente não pode passar em silêncio, já que, de cada dez Espíritas que apoiam a reencarnação, os cinco não chegaram a esta conclusão senão fundados nas afirmações de seus guias.

Espíritos que afirmam ter vivido muitas vezes na Terra. - Contra este gênero de provas pode argumentar-se que todos os Espíritos que se manifestam não se lembram de uma vida anterior à última; mas se se quer levar em consideração que o despertar de recordações antigas se encontra em conexão com um certo grau vibratório do perispírito, que este está ligado ao desenvolvimento da espiritualidade do ser, compreender-se-á facilmente que a maior parte dos humanos desencarnados, sendo de moralidade inferior, possuem um perispírito grosseiro e, portanto, não podem ressuscitar na sua vida anterior o panorama de suas existências passadas.

Mas, da mesma forma que em certos indivíduos sonambúlicos se pode renovar-lhes integralmente a recordação, assim também os Espíritos superiores, que possuem um poder magnético proporcional ao seu grau de

evolução moral, têm a potência suficiente para ressuscitar, sempre que seja necessário, as recordações latentes.

Limitar-me-ei a citar um exemplo deste gênero tirado da *Revue Spirite* de 1866 (pp.175 e segs), pois nele parece que se confirma a opinião emitida mais acima. Trata-se do Espírito de um médico muito apreciado, chamado *Dr. Cailleux* por intermediário do médium *Morin*, que tão depressa como foi saindo do longo período de perturbação, se encontrou um dia num estado semelhante a um sonho lúcido. Eis aqui as suas palavras:

“Quando o meu Espírito ficou numa espécie de entorpecimento, é porque me achava de certo modo magnetizado pelo fluido dos meus amigos espirituais, e disso resultava uma satisfação moral, que, segundo eles diziam, era a minha recompensa, e me dava forças para continuar a avançar no caminho que tinha traçado o meu Espírito desde um bom número de existências. Eu estava, portanto, adormecido num sonho magnético - espiritual, e neste sonho vi formar-se o passado como num sonho fictício, reconhecendo as minhas individualidades que haviam desaparecido com o tempo, ou melhor, que não tinham sido mais do que um só indivíduo. Eu vi um ser e o modo como começava uma obra médica; mais tarde, outro continuava a tarefa interrompida pela desencarnação do anterior.

Em menos tempo do que é necessário para contá-lo, vi formar-se, engrandecer-se e converter-se em ciência, o que num princípio só eram ensaios dum cérebro ocupado em estudos para o alívio da humanidade. Eu vi tudo isto, e ao chegar ao último dos seres que sucessivamente tinham trazido a sua parte à obra, então eu reconheci-me. O todo desvaneceu-se e ficou convertido no Espírito, ainda atrasado, do vosso pobre doutor. “Poderá ver-se neste relato uma alucinação espiritual da alma do *Dr. Cailleux*?”. Ainda que isto seja possível, não é provável, pois os Espíritos adiantados jamais enganam, tal como acontece aqui entre as pessoas honradas.

Neste exemplo, não se trata de experiências, nem de investigações tentadas pelos seus guias, reduzindo-se tudo a ensinar ao Espírito o seu passado por uma introspecção que lhe permite folhear conscientemente as camadas profundas do seu ser.

Se refletirmos que esta comunicação foi obtida há 32 anos, exatamente quando ainda se ignorava o meio de produzir a ressurreição das recordações através do hipnotismo ou do magnetismo, talvez se veja neste fato uma favorável analogia com a crença nas vidas sucessivas.

Anotações:

Muitas definições são questionáveis e aqui se apresenta uma delas: O que é um Espírito 'adiantado'? A Doutrina dos Espíritos nos deixa claro que, somos 'parciais' nos conhecimentos e totais na 'moral' quando encarnados, conclui-se disso que somente podemos avaliar o estado de adiantamento ou atraso de um Espírito quando ele está desencarnado, pois aí ele é total! Avaliar um Espírito encarnado pela 'cultura' que aparenta ter, não é referência a nada! Como estamos num planeta regido, para os Espíritos, pelo estágio de provas e expiações, é natural que, todos os Espíritos deste orbe são 'inferiores', mas 'inferiores' a quem? E se somos 'superiores', o somos a quem?

X - CONCLUSÃO

Senhores: Tentei demonstrar neste trabalho, demasiado curto que:

- 1.º O ser vivo na realidade, não é mais do que *uma forma* pela qual passa a matéria.
- 2.º Que a preservação desta forma é devida ao princípio inteligente revestido de certa substancialidade.
- 3.º Que tanto no humano como no animal esta forma conserva-se para além da morte.
- 4.º Que as modificações moleculares deste envoltório são indestrutíveis.
- 5.º Que a repetição dos mesmos atos, tanto físicos como intelectuais, tem por objetivo torná-los mais fáceis, mais habituais, mais reflexos, ou seja, automáticos e inconscientes (os instintos não são outra coisa senão hábitos, milhões de vezes seculares).
- 6.º Que a série de seres orgânicos é fisicamente contínua, tanto atualmente como no passado.
- 7.º Que as manifestações do instinto, e mais tarde da inteligência em todos os seres vivos são graduais no seu conjunto e intimamente ligadas ao desenvolvimento dos organismos.
- 8.º Que o humano reassume e sintetiza todas as modalidades anatômicas e intelectuais que ocorreram na Terra.
- 9.º Que os fatos de observação estabelecem a reminiscência de estados anteriores nos animais, e a recordação de precedentes vidas no humano.
- 10.º Finalmente, que certos Espíritos predizem o seu regresso aqui à Terra, enquanto que outros afirmam as vidas sucessivas.

Teria também podido fazer uma enumeração dos prodígios realizados por alguns seres numa tenra idade, e que revelam faculdades tão superiores, deixando estupefatos até os humanos de talento.

Um *Miguel Ângelo* ou um *Salvador Rosa*, revelam-se inesperadamente com talentos improvisados; *Sebastián Bach* ou *Mozart*, compondo ou executando sonatas, quando os miúdos de sua idade conhecem apenas os primeiros rudimentos da música; *Pico da Mirándola* ou *Pascal* dando provas de um gênio que não podiam ter adquirido na sua última existência e, por último, *Barratier*, morrendo aos 19 anos e deixando obras que testemunham uma enciclopédia de conhecimentos, são fatos que além do mais entram na questão mais geral da desigualdade intelectual dos humanos que aparecem na Terra.

Sabemos com certeza que a alma não é criada pelo corpo, que a herança é completamente estranha a estas diferenças profundas que separam a

um *Victor Hugo* ou a um *Pasteur* dos míseros representantes da humanidade que vegetam numa bestialidade intensa, tais como os *Botocudos*, os *Aetas* ou os *Jueguianos*. E mesmo sem a necessidade de apresentar semelhantes extremos, não vemos nos irmãos educados em idênticas condições, apresentarem disposições inatas radicalmente opostas?

Todos estes problemas são insolúveis, não admitindo a teoria das vidas sucessivas, pois nem a ciência, nem as religiões, nem as filosofias espiritualistas têm podido dar uma explicação razoável destas anomalias. Estou muito longe de pensar que os fatos que reuni sejam suficientemente numerosos e conclusivos para determinar uma convicção *verdadeiramente científica*, porque estou persuadido de que são o esboço imperfeito da demonstração experimental das nossas origens. Apenas nos achamos nos primórdios da psicologia experimental, dessa ciência que estudará a alma sob todas as suas modalidades terrestres e supraterrrestres, assim no seu passado como no seu futuro.

Concebe-se a extrema reserva com que se devem fazer as conclusões, e ainda que se achem, todavia, mal explorados os domínios percorridos pelo Espírito na sua evolução, não são totalmente desconhecidos e, o futuro, retificando os pontos talvez prematuros ou incompletos que formulamos, confirmará no seu conjunto esta teoria, que logicamente já pode expor-se e, baseando-se unicamente nos fenômenos de observação.

Não ignoro as críticas que têm sido feitas à teoria da evolução, mas as descobertas de cada dia vêm afirmá-la cada vez mais, e se a completamos pela passagem da alma através de todas estas formas graduadas que compõem o conjunto de seres vivos, atribuindo àquela entidade o que o sábio queira ligar com o corpo, poderemos dizer com *Herbet Spencer* (1), “o cérebro humano (e periespiritual, dizemos nós), é um registro organizado de experiências infinitamente numerosas durante a evolução da vida, ou, todavia melhor, durante a série de organismos que atravessou para chegar ao organismo humano. Os esforços das experiências mais uniformes e frequentes foram herdados (nós diremos, trazidos), adicionando-lhes capital e interesses, alcançando este elevado grau de inteligência que é o cérebro da criança. Este, na sua vida ulterior, exerce-a aumentando possivelmente a força ou a complexidade, e a transmite (ou reaparece), com pequenos acréscimos nas gerações futuras. Então, acontece que um europeu herda vinte ou trinta centímetros cúbicos de cérebro a mais do que o Papú, ocorrendo pela mesma razão, que certas faculdades, tais como as da música p. ex, que apenas existem nalgumas raças inferiores, se tornam congênicas nas raças superiores, e da raça selvagem que apenas sabe contar o número dos seus dedos, aparece um *Newton* ou um *Shakespeare*”.

(1) Herbert Spencer. *Princípios de psicologia*, 2ª edição, pp. 208 e segs. - Ribot. *Essais sur la psychologie portugaise contemporaine*, (*Ensaio sobre a psicologia portuguesa contemporânea*), págs. 310 e 312.

Esta evolução intelectual tem sido mostrada pelos filósofos, que obrigados pela lógica, tiveram de reconhecer em todos os seres uma cadeia cujos anéis são impossíveis de quebrar. O que foi uma simples intuição filosófica nos grandes pensadores, tais como *Carlos Bonet, Dupont de Nemours, Ballanche, Constant Savy, Esquirós, Juan Reynaud, Pezzani e Flammarion*, resulta com o Espiritismo uma verdade demonstrada experimentalmente.

Estamos plenamente conscientes da magnitude desta concepção palin-génésica, que substitui a ação milagrosa da antiga crença deísta: a lei do progresso cumprindo-se sob a impulsão da Inteligência Infinita, e utilizando os fatores irresistíveis que se denominam espaço e tempo.

A astronomia, a geologia e a paleontologia, ao exumar as cinzas do passado, levantaram-nos o véu dos seus arcanos. Sabemos que os muitos séculos que precederam a humanidade, tinham como objetivo chegar à criatura inteligente, livre e responsável, que é o humano, uma vez que aparece como a coroação desta longa marcha progressiva.

Sabemos que não está condenado a viver sempre nesta morada terrestre, mas, que no futuro, estará em condições de residir noutro mundo entre os infinitos que existem no universo, pois como disse *Jesus*: “*Na casa do meu Pai há muitas moradas*”.

Acreditamos firmemente que a imortalidade está diante de nós, e a imensidade desta palavra facilita-nos a compreensão do por que o tempo passado não representa mais do que uma quantidade infinitesimal perante o nosso insondável futuro. A Terra é o ninho que devemos abandonar quando tivermos conquistado as asas, ou para falar sem metáfora, quando estivermos suficientemente desprendidos destas mantas terrestres que são os nossos instintos, os nossos vícios e as nossas más paixões.

É um fato de experiência Espírita que os Espíritos atrasados não podem deixar a nossa atmosfera; mas, obviamente, poderão fazê-lo no dia em que os réprobos já não existam. Todos estão destinados pela Suprema Justiça à felicidade final para a qual são criados.

Ao terminar, permitam-me senhores, emitir o meu desejo de que esta importante questão das vidas sucessivas, tão grande em consequências, seja estudada imparcialmente em todos os Centros Espíritas, a fim de que a unificação do ensino Espírita possa realizar-se em todo o mundo.

As nossas divergências doutrinárias são secundárias, já que jamais poderão atentar contra os sentimentos de profunda estima e fraternal benevolência que os Espíritas franceses e italianos sentem por todos os partidários da nossa causa.

Unamos, portanto, os nossos esforços sem nos preocuparmos com as fronteiras, a fim de colaborar na obra de alforria intelectual dos nossos irmãos terrestres. Façamos penetrar em todos os corações a consoladora certeza da imortalidade; provemos que os seres que amamos, não morram, e que podem expressar-nos, todavia, a sua ternura.

Divulguemos esta nobre doutrina de redenção social e o século XX verá brilhar a aurora da nova era, ou seja, a de uma humanidade regenerada, que encontrou a felicidade no exercício da justiça, da concórdia, da fraternidade e do amor.

Anotações:

Ao tomarmos conhecimento, lermos, aceitarmos, estudarmos e entendermos a Doutrina dos Espíritos, nós nos colocamos na posição de fazermos o autoconhecimento e, este feito, nós poderemos caminhar dentro das nossas limitações, sem qualquer tribulação maior... Mas fica a pergunta: E se eu não quero aceitar? E se eu não quero nem tomar conhecimento? A Doutrina nos esclarece a existência e a razão do livre-arbítrio total para a nossa caminhada evolutiva espiritual. Portanto, não podemos ensinar como o Mestre, mas podemos ensinar alguma coisa. Podemos não exemplificar como o Mestre, mas podemos exemplificar alguma coisa. Façamos o possível, mas façamos!

FIM